



Adriana Montenegro . Adriana Nataloni .
Alex Araripe . Alexandre Palma . Ana Luiza Mello . Ana Pose .
Angela Moraes . Anna Braga . Augusto Herkenhoff . Bahie Banchik .
Benjamin Rothstein . Betty Zajdenberg . Caetano Rocha . Carla Crocchi . Carmen Bello . Celina Nolli .
Celso Adolfo . Cerise E. Christian Quellmann . Claudia Tolentino . Claudia Watkins . Coletivo Redemoinho .
Cora Figueiredo . Cota Azevedo . Cunca Bocayuva . Daniela Santa Cruz . Deneir . Dora Portugal . Dulce Lysyj .
Elis Pinto . Fabi Cunha . Gilda Lima . Graça Pizá . Guta Moraes . Helena Pontes . Helena Wassersten . Heloisa Alvim .
Hortensia Pecegueiro . Ilda Fuchshuber . Falacio . Iraceia de Oliveira . Isabela Bentes . Isabella Marinho . Isis Braga .
Jarbas Paullous . Joel Gama . Jorge Cerqueira . Katia Politzer . Lando Faria . Lea Soibelman . Leila Bokel . Lenn Cavalcanti .
Let Cotrim . Leticia Kling . Leticia Potengy . Lia do Rio . Liana González . Lu Guedes . Luah Jassi . Lucia Lyra . Lucio Volpini .
Luiz Antonio Norões . Manduca Simões . Marcelo Guimaraes Lima . Marcelo Veiga . Marcia Bianchi . Marcia Cavalcanti .
Maria Beatriz Trevisan . Maria Cecília Leão . Maria Eugênia Baptista . Maria Stefanon . Mariana Nobre . Marisa Vescovini .
MarQo Rocha . Marta Bonimond . Martha Pires Ferreira . Mauricio Theo . Miguel Hijjar . Miro PS. Moema Branquinho .
Morgana Souto Maior . Nancy Lacerda . Nilton Pinho . Nissin Moussatche . Noemi Ribeiro . Patrícia Torelly Muniz .
Paulo Marendino . Paulo Mittelman . Pedro Bento . Regina Helene . Regina Moura . Roberta Salgado . Roberto Negri .
Ronald Duarte . Rosangela Soares Pinto . Rose Aguiar . Rose Nobre . Sandra Macedo . Sandra Schechtman .
Silvana Godoi . Silvio Moréia . Sissi Kleuser . Sonia Camacho . Sonia Xavier . Sylvia Serra Barreto .
Tatiana Dauster . Tchello d'Barros . Telma Gadelha . Teresa Coelho . Teresinha Mazzei . Téssara .
Thairna Patricia Lee . VeraLu . Verônica Camisão . Vicente Duque Estrada .
Vilma Lima . Vitória Szejnman .

ZAGUT

Abertura

14 de Maio às 12h
Fábrica Bhering
Rua Orestes 28

Exposição

Virtual permanente
www.espacozagut.com

ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

Texto Zagut: Isabela Simões

Ensaios críticos: Carlos Taveira, João Paulo Torres, Leticia Cotrim da Cunha, Omelino Souza

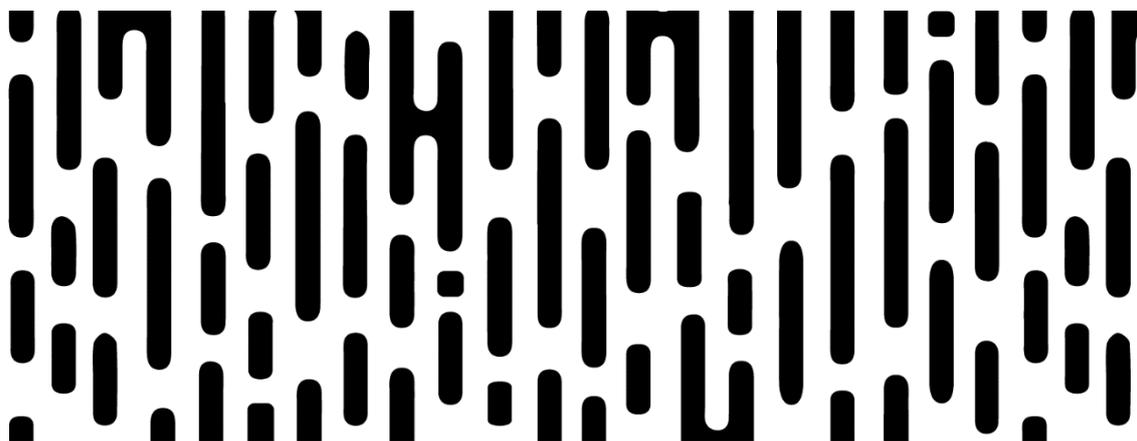
Conteúdo, comunicação e imagem: Helen Pomposelli

Edição dos vídeos: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Imagem da capa: Fernando Brum

Arquitetura de montagem galeria virtual e física: Leonor Azevedo, Isabela Simões.

In memoriam: Aparecida das Graças de Souza. Nosso anjo da guarda na Bhering.



RECICLAGEM – Uma homenagem a Frans Krajcberg

Com minha obra, exprimo a consciência revoltada do planeta...

*A natureza necessita da arte para sensibilizar o homem,
para revitalizar sua afetividade,
renovar seus estímulos emocionais...*

Tomei consciência que sou parte da natureza – Krajcberg

*I see recycling like a compromise and a way of life,
giving a second life to old materials - Dan Casado*

Nesta mostra os artistas se debruçaram no tema que nos atinge a todos, das mudanças climáticas e o nosso papel com relação às mesmas, possibilitando olhares diversos sobre a reciclagem, transformando as matérias em obras de arte, aumentando de forma impactante o seu ciclo de vida, gerando reflexão e conscientização de nossa sociedade. E viva a pesquisa dos artistas!

Reciclar, dar novo uso a algo já utilizado. Diferente de reutilizar (embora muitas vezes essas palavras sejam usadas como se fossem sinônimos), quando as propriedades químicas são mantidas, reciclar pressupõe o novo, a mudança. Reciclar também nossos conhecimentos e transformar nossa forma de ser, se preocupando com os resíduos que geramos, como serão tratados, diminuindo desperdício e volume de lixo, e conseqüente menor impacto nos aterros sanitários, diminuindo nossa pegada ecológica, preservando nosso planeta e nossa qualidade de vida e futuro das gerações que virão.

Talvez a reciclagem do papel seja a mais tradicional no mundo das artes, muitos artistas usando papéis reciclados e até mesmo fazendo seu papel. O papel é crucial para a questão climática, por ser estimado que constitui 40% do lixo urbano. Uma tonelada de aparas de papel preserva até 12 árvores em plantações, gastando até 50 vezes menos água que a celulose virgem.

Muitos são os artistas que se dedicam a reutilizar ou reciclar para realizar obras de arte. Picasso em 1908 utilizou um papel com uma etiqueta para a realização de um desenho, *Le rêve*. Colagens com jornais de Picasso, Braque, Schwitters, começaram nos idos anos 20. Duchamp e Rauschenberg usaram pneus e placas de rua. Nos anos 60 Arman com suas assemblages em caixas transparentes, assim como Daniel Spoerri e membros do movimento *Arte Povera*. Mas o conceito de *upcycling art* aparece em 2002 com William McDonough e Michael Braungart no livro *Cradle to Cradle. Redesigning the way we do things*.

Artistas de todo o mundo vem usando reciclados em seus trabalhos. O alemão Gerhard Bär faz as reciclagens há mais de 20 anos, a inglesa Martha

Haversham com colagens relacionadas à moda, a também inglesa Michelle Reader e suas esculturas com brinquedos, relógios, entre outros que vai colecionando em brechós, o belga Win Delvoeye e o uso de pneus, os japoneses Yuken Teruya que utiliza diversos tipos de papéis, fazendo Kirigami e Hiroshi Fuji com suas instalações gigantes. O vidro derretido pode ser reciclado de forma infinita, sendo utilizado por muitos artistas, como nos vitrais de John Bassett desde 1979. A arte com livros empilhados de Mike Stilkey. Derek Gores e suas colagens. Os restos de carros antigos nos trabalhos de John Chamberlain. O casal de ingleses Tim Noble e Sue Webster com suas esculturas de material reciclado que produzem sombras de pessoas. O coletivo cubano Guerra de la Paz, com reciclagem de roupas (apenas 1% das roupas do mundo são recicladas). Nick Gentry na Inglaterra com sucatas eletrônicas, assim como Susan Stockwell. A paquistanesa Khalil Chishtee com esculturas em tamanho real com plásticos recicláveis. O indiano Subodh Gupta e suas esculturas gigantes com materiais do dia a dia, assim como faz na Inglaterra Ptolemy Elrington, o africano El Anatsui com as tampinhas de garrafa entre outros materiais, Chiharu Shiota com suas coleções por exemplo de sapatos, a instalação na Bienal de Veneza de Arquitetura de 2016 do chileno Alejandro Aravena, com toneladas de objetos recolhidos na bienal anterior, Von Wong e instalações com canudos plásticos coletados no Vietnã, Orly Genger e suas obras com cordas coletadas em Manhattan, Romauld Hazoume com as máscaras de Benin, entre tantos outros artistas africanos, Mierle Laderman Ukeles uma artista no Departamento de Saneamento de Nova Iorque, Wendy Osher usa sacos de plástico para fazer crochê em formato de mamas, Sayaka Ganz reutiliza objetos no fim de sua vida útil, Eduardo Srur realiza interferência no cenário urbano com diálogo com a questão ambiental.

No Brasil muitos artistas trabalham com reciclagem, mas um foi pioneiro e reconhecido mundialmente, deixando marcas de suma importância na arte brasileira, influenciando as gerações seguintes de forma contundente. O polonês Frans Krajcberg veio para o Brasil em 1947, após perder toda sua família em campo de concentração (sua mãe era do partido comunista), ter recebido medalha de herói de guerra de Stalin, ter morado com Chagall, até ser naturalizado brasileiro em 57. Estudara na Academia de Belas Artes de Stuttgart após a guerra, seu professor era Willy Baumeister (professor da Bauhaus e ganhador de prêmio da Bienal de São Paulo), que o premiou duas vezes e o recomendou a Léger em Paris. Ao chegar no Brasil, fica em uma floresta do Paraná, trabalhou como engenheiro que era sua primeira formação, depois em uma caverna em Itabirito em Minas Gerais. Trabalhou no MAM/SP como encarregado de manutenção e na montagem da primeira Bienal com Aldemir Martins, com participação com duas pinturas. Trabalhou na Osirarte, pintou azulejos com Volpi, Mario Zanini, Cordeiro. Mudou-se em 56 para o Rio, o pai do Sergio Camargo lhe emprestou uma casa, dividiu ateliê com Franz Weissmann. Ganhou o prêmio de pintura da Bienal de SP de 57 (Weissmann ganhou o de melhor escultor). Fica na Europa entre 58 e 64 quando começa a trabalhar com matérias da natureza, convive com importantes artistas, fica amigo de Braque. Foi contratado pela galeria Siècle XX e fez várias exposições. Se intoxicou com tintas e teve que parar de pintar (ainda não fazia esculturas). Vivia em Paris, imprimia em Ibiza, usava pigmentos naturais em Minas Gerais (em especial vermelho do fogo e preto do carvão), onde morava em uma Kombi e começa a

fazer esculturas e na volta ao Brasil acrescenta cipós e raízes. Em 72 se fixou em Nova Viçosa na Bahia, no Sítio Natura, convidado pelo arquiteto Zanine Caldas que projetou sua casa no tronco de uma árvore, e onde estão diversas de suas obras. Desde 78 se posiciona claramente a favor do meio ambiente através de suas obras e falas, foi ameaçado inúmeras vezes.

“A Mata Atlântica mais rica do planeta foi destruída em um século. A última floresta pequena de Mata Atlântica lá em Nova Viçosa é minha. Ano passado, botaram quatro vezes fogo para destruí-la. Se vou conseguir salvá-la não sei, nem se vou continuar a viver lá. Agora, veja o que acontece lá na Amazônia...Estão plantando soja transgênica para vender à China. É um crime!” Krajcberg

Nesse ano de 78, realiza o Manifesto do Naturalismo Integral, com Sepp Baendereck e Pierre Restany, durante uma viagem de barco de 32 dias pelo Rio Negro. Em 2003 é criado o Instituto Frans Krajcberg de Arte e Meio Ambiente pela Prefeitura de Curitiba e o Espace Krajcberg no Chemin de Montparnasse em Paris, onde tinha sido seu ateliê quando morara na cidade, com obras doadas pelo artista para os espaços. Além do prêmio da Bienal de São Paulo, foi premiado na Bienal de Veneza de 64 (Prêmio Cidade de Veneza), no Salão de Arte Moderna, pela APCA (2008). Falece em 2017 com 96 anos. Deixou em testamento suas obras para o estado, na expectativa de criação de um museu, ainda não organizado. Em 87 Walter Salles realiza documentário sobre o artista, Krajcberg, o poeta dos vestígios, na TV Manchete; em 95 faz Socorro Nobre sobre a comunicação entre ambos. A TV Brasil fez o documentário O grito da natureza. A cineasta Regina Jehá dirigiu o filme Frans Krajcberg Manifesto.

Além de Frans, outros artistas brasileiros se debruçaram na reciclagem. Vik Muniz, além do documentário Lixo Extraordinário, sobre catadores em aterros, recicla ao realizar retratos ou obras d’après outros artistas com materiais diversos encontrados no lixo. Também é notável a obra Através do Vidro, transformando uma casa (onde morou durante a exposição), de Debora Muskrat.

Artistas zaguters falam sobre ecologia e/ou usam reciclagem em suas obras com bastante frequência. Léa Soibelman faz seus papéis sistematicamente. Lia do Rio usa elementos da natureza que iriam para o lixo, assim como Anita Fizon. Obras com sucata eletrônica são apresentadas por Miro PS em muitas exposições. Deneir trabalha há décadas com materiais reciclados em seus balões e diversas instalações. Colagens são usadas por muitos artistas, como Bahie Banchik, Cerise E., Isabella Marinho, Eduarda Serra; Helena Wassersten as faz com caixas e Augusto Herkenhoff cola sobras pequenas de tela em outras telas. VeraLu trabalha formas inusitadas com papelão. Benedito Neves pinta em janelas descartadas. Andres Papa utiliza embalagem de desodorante para criar canetas. Ludmilla Mueller e Elis Pinto bordam com fios já utilizados. Moema Branquinho e Celso Adolfo realizam mosaicos com pequenos caquinhos de vidro, entre outros tantos elementos – vários derretidos a 850 graus: taças, pastilhas, azulejos, cerâmicas, blindex, metal, madeira de demolição, pedras. Maria Cecilia Leão tem feito gravuras com isopor de embalagens.

A utilização de objetos do dia a dia nas obras é uma prática comum a muitos artistas que expõem na Zagut: Lena Tejo, Sonia Guaraldi, Claudia Watkins, Lenn Cavalcanti, Mariza Vescovini, Sonia Xavier, Iraceia Oliveira, Chica Granchi, Débora Carneiro da Cunha, Eda Miranda, Graça Pizá, Regina Helene, Tatiana Dauster, Gardenia Lago, Nanci Lacerda e Maria Eugênia Baptista, Gilda Santiago, Leila Bokel, Liane Briand, Thelma Innecco, Walkyria Proença, Cecília Rondon, Liana Gonzalez, Maria Lucia Maluf, Sandra Passos, Paloma Carvalho, Marilou Winograd, Morgana Souto Maior, Marilena Moraes, Marcia Clayton, Sandra Schechtman, Leila B, Ana Rutter, Angela Mello, Cacia Chemin, Rosana Siqueira, Junia Azevedo e Diogo Calil, os Oiticica (Claudio, Christian, Cesar e Cesinha), Jards Macalé, Jorge Duarte, Ale Silva, João Saboia, Xico Chaves, Nilton Pinho, Alexandre Sadcovitz, Jarbas Paullous, Joel Gama.

Na exposição Gabinete de Curiosidades foram muitas e muitas obras com materiais reciclados, além dos artistas já citados anteriormente, se incluem: Aleteia Daneluz e Bosco Renaud, Ana Maria e Ana Paula Alves de Souza, Ana Padilha, Ana Rutter, Ana Schieck, Christian Quellmann, Clayton Ferreira, Denise Araripe, Deise Paiva, Denize Torbes, Dulce Lysyj, Edwiges Barros, Galvão Jr., Guta Moraes, Isis Braga, Jorge Cerqueira, Katia Politzer, Lando Faria, Lucio Volpini, Marcio Atherino, Marcio Wantroba, Maria Perdigão, Marta Strambi, Martha Pires Ferreira, Noemi Ribeiro, Ragnar Lagerblad, Regina Moura, Renata Barros, Roberto Tavares, Rosangela Soares Pinto, Rose Aguiar, Rose Nobre, Salazar Figueiredo, Sandra Macedo, Sissi Kleuser, Teresinha Mazzei, Têssara, Tina Velho, Vania Pena C., Vania Vica, Vitoria Szejnman e Wil Catarina.

Mostras e outras iniciativas específicas sobre o assunto vêm ocorrendo. Por exemplo Recycled Art Exhibition em Flagstaff, Arizona, EUA. Na Pensilvânia, o centro de artes Art of Recycle, o Seattle Recycled Arts Festival, Houston Center for Creative Reuse, os designers da inglesa Cod Steaks, que fazem enormes instalações como as duas baleias em tamanho natural com 70.000 garrafas recolhidas após corridas em Bath e em Bristol, e após o término da instalação todas as garrafas são recicladas.

Repensar seus hábitos de consumo e a atuação de cada um com relação ao que desperdiça, que escolhas faz e quanto de lixo fabrica e que impacto causa, em que políticos vota e que ações realiza, é o grande diálogo proposto pela mostra. Através de ressignificações e valorização de materiais, os artistas combinam a reciclagem e a arte. Viva o ativismo!

Bibliografia

Palhaci, MCJP; Palhaci, TP; Hellmeister, LAV, Nicola, R. A importância da arte como meio de reciclagem e como formação de um novo pensamento ambiental. In V World Congress on Communication and Arts, 2012 (Portugal). Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/134942/ISSN2317-1707-2012-05-01-553-557.pdf?sequence=1>

FRANS Krajcberg. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10730/frans-krajcberg>. Acesso em: 28 de abril de 2022.

<https://web.archive.org/web/20090416201208/http://blogdofavre.ig.com.br/2008/10/meu-trabalho-e-um-grito-contra-a-barbarie/>

<https://www.pensamentoverde.com.br/reciclagem/arte-e-reciclagem-a-transformacao-do-lixo/>

<http://www.recycling-revolution.com/recycling-facts.html>

<https://m.biologianet.com/amp/ecologia/reaproveitar-x-reciclar.htm>

<https://www.biologianet.com/ecologia/pegada-ecologica.htm>

<https://www.iberdrola.com/culture/recycled-art>

<https://www.tomorrowstoday.com/2018/07/25/recycled-art-turning-trash-into-treasure/>

<https://blog.artsper.com/en/get-inspired/top-10-of-recycled-art/>

<https://www.carredartistes.com/en-fr/blog/l-art-du-recyclage>

<https://theartling.com/en/artzine/recycled-art/>

<https://www.widewalls.ch/magazine/what-is-recycled-art-meaning>

<https://www.contemporary-african-art.com/contemporary-african-recycled-art.html>

<https://www.ecycle.com.br/arte-com-reciclagem/>

https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/21/13_pag260a277_fabriciofernandino_franskrajcberg.pdf

*Antes d'eu nascer eu já sabia disso tudo.
Antes d'eu ta com carne e sangue,
é claro, se eu sou a beira do mundo.
Eu sou Estamira*

Estamira

Tecendo sobre resíduos.

A reconstrução do contemporâneo

Carlos Vinícius da Silva Taveira (Doutor em literatura cultura e contemporaneidade, Mestre em teoria da história da arte)

O ano de 2022 é um momento de transição entre em que a pandemia afetou e a possibilidade de invenção e criação de novos caminhos. No carnaval fora de época do Rio de Janeiro realizado no mês no abril a escola de samba Grande Rio sagrou-se campeã entre todas as agremiações com o tema de “Exu” uma famosa entidade nas religiões de matriz africana que permeiam o país e que entre suas distintas facetas é conhecido como o senhor das encruzilhadas, ou o mensageiro abre caminho.

Fazer uma menção ao papel dessa importante divindade é uma introdução para pensarmos os desafios do presente e as possibilidades de futuro que desejamos. O tema “reciclagem” proposta como temática de exposição pela Galeria Zagut e organizado por Isabela Simões e Augusto Herkenhoff para o mês de maio se insere em uma agenda mais ampla de mudanças nas vivências que compartilhamos com/nas espécies e que extrapolam os limites nacionais atingindo todas as existências do planeta.

A palavra “reciclagem” envolve a possibilidade de reposicionar algo em um novo “ciclo”. Se antes um objeto era funcionalizado para atingir uma meta e ser descartado logo após esse percurso, espera-se agora aproveitá-lo em outra ação, criando novos sentidos e significados. Adiado seu fim como essencial para superar a emergência climática.

Imaginar novos ciclos para os objetos é um trabalho que o campo das artes já pesquisa há bastante tempo. Para ficarmos em um exemplo bem conhecido popularmente, no caso, o processo de “Ready made” proposto pelo artista francês Marcel Duchamp na icônica obra “Fonte” uma peça comum e produzida em larga escala industrial, o urinol, é deslocada do seu uso cotidiano para a esfera do circuito das artes.

A decisão de Duchamp de expor o objeto num tradicional evento de arte, assiná-lo com um pseudônimo e pensar qual seria a melhor forma de mostrá-lo, pois inverte sua tradicional posição deixando-o horizontalmente, pode ser analisada como uma atualização do uso e exploração de uma nova dimensão artística: a conceitualização do que seja objeto, circuito e objeto de arte.

Com a operação de Duchamp se pluraliza as camadas da arte que definem os seus próprios limites e praticamente todo o sistema é revisto e colocado em discussão. O objeto não é mais somente algo dado e finalizado, mas construído na interação e troca com o espectador. Isso expande para uma infinidade de ciclos e de produção de diferença que a arte pode causar, afetar e construir.

A arte se torna um meio e se aproxima das enunciações mais utilizadas na contemporaneidade. A exploração de novos materiais e possibilidades foi aprofundada por toda corrente do dadaísmo e por seus desdobramentos. Como exemplo, podemos citar a colagem que foi realizada por fragmentos de outras imagens, enquanto que um poema poderia ser criado mediante a aleatoriedade do sorteio das palavras. As linguagens se cruzaram assim como os sentidos e significados propostos pelos artistas.

Esse aspecto transcendeu para a natureza das particularidades que compunham os objetos de arte. A ampliação dos códigos das linguagens e até mesmo a escassez de determinados materiais no contexto da primeira guerra mundial que cercou o dadaísmo, influenciou em direção da experimentação em novas direções e possibilidades. Era preciso inovar, mas sobretudo, reaproveitar a disponibilidade do que se encontrava.

No cenário atual a agenda climática contra o aquecimento global disputa com outras narrativas como da guerra da Ucrânia e dos efeitos da pandemia para ser devidamente efetivada como prioridade global. No Brasil a Amazônia continua com índices altos de queimadas e desmatamento enquanto que ainda são enfrentados problemas básicos e históricos da falta de saneamento sanitário e água tratada para parte da população.

Porém, existem os desafios do cotidiano que podem ser combatidos com outras medidas como o uso consciente de combustíveis fósseis ou o reuso de materiais considerados descartáveis. Em outras palavras: reciclar. Impor uma nova utilização ao que era considerado resíduo ou sobras de lixo. O que deveria apenas ocupar espaço após perder sua função pode ser programado para atingir outro objetivo.

Isso inverte nossa tradicional organização do tempo em linha. Nela um objeto surge para determinada prática, é usado atingindo uma performatividade e, por fim, descartado e deixado de lado. Em uma lógica de reciclagem existe uma atuação dinâmica em ciclos. Um fim ininterrupto em eterna transformação. Um aproveitamento máximo pensando na materialidade do objeto, indo além de sua funcionalidade.

Tecer uma teia de novas potencialidades nos modos de existir é uma problemática do período antropocênico em que o próprio homem se transformou em seu algoz. É necessário, apesar de tudo, imaginar novos caminhos, planejar outra rota de destino, e para isto, as artes ocupam um espaço essencial.

A tradicional Bienal de Veneza que foi adiada nos últimos anos devido aos empecilhos da pandemia trouxe neste ano de 2022 sob curadoria da italiana Cecilia Alemani um eixo que homenageia a artista Leonora Carrington e valoriza o aspecto dos sonhos, ou melhor, dialoga com a imaginação que supera a realidade, ou talvez, procure inventá-la. Os caminhos para esse processo podem

ser analisados e interpretados pela produção dos artistas presentes na mostra Vienense, mas também nos que estão nas páginas desse catálogo.

Partilhar essas obras de arte sobre reciclagem é pensar o mundo coletivamente e em possíveis ferramentas de transformá-lo. Por fim em um verso do vitorioso samba enredo da Grande Rio em homenagem a “Exu” é dito “Fala Majeté” uma lembrança de Estamira que no documentário homônimo de Marcos Prado recebe uma ligação da entidade. A imagem possui uma poética singular, pois leva a imaginar como o orixá do “abre caminhos” é necessário na construção de uma travessia, na reciclagem e em outros processos, sobretudo, da nossa esperança no futuro.

Bibliografia

DANOWSKI, Deborah; CASTRO, Eduardo Viveiros de. Há mundo por vir?: ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura e barbárie; São Paulo: Instituto Socioambiental, 2014.

LATOUR, B. Esperando Gaia. Piseograma, Belo Horizonte, seção Extra!, XX fev. 2021 (tradução de Alyne Costa)

LATOUR, B. – Diante de gaia. São Paulo: UBU editora, 2020

OSORIO, Luiz Camillo; “ARTE E OS DESAFIOS DO ANTROPOCENO” disponível em <https://www.premiopipa.com/2021/04/arte-e-os-desafios-do-antropoceno-por-luiz-camillo-osorio/> acesso em 24/04/2022 às 21 hs.

Reciclagem – Espaço Zagut

Joao Paulo Machado Torres (IBCCF – UFRJ, torresjpm@gmail.com)

Nesse mundo da arte-consciência estamos aqui reciclando esperança.

Num improvável mundo de lixo zero, já é possível sonharmos com o zero, pelo menos nas emissões de gases de efeito estufa...

O zero e o infinito.

A lógica dos conjuntos nebulosos onde o que não existe ganha uma máxima importância no fim das contas.

Me sinto como alguém que pediu para instalarem uma termoeletrica onde ainda não tem gasoduto. Vai usando carvão enquanto isso amor...

O zero, ele tem um louco efeito sobre as nossas cabeças. Mas se faz necessário às vezes tomar um zero, para acreditar que se pode virar o jogo e ganhar um dez. Vejam aí, eles estão na nossa cara, são os que reciclam ódios ancestrais e geram guerras para afirmar o quanto são poderosos e o quanto devemos temerlos.

Lixo sempre foi lixo para uns e um luxo para outros poucos. Seria bom atentarmos para além do plástico, no sentido da arte. Reciclemos chumbo que sai das armas dos que não sabem o que o saber constrói.

Arte será fazer o nosso quintal florir, com raízes rompendo o asfalto e o cimento, que de social, o Brasil que cisma em não ver a lama em que nos metemos.

A lama da Samarco, da Vale, vai meu mano, me diga como reciclar a entropia máxima desses desastres.

Nossa moda sintética de coisas descartáveis aquilo que já virou lixo mesmo antes de ser utilizado. Seria como reciclar os hábitos dos monges, sejam eles feitos de nylon ou os feitos de algodão.

Desses hábitos nefastos de uma sociedade perdulária temos de reciclar uma ideia e ter um só quintal no mundo. O mar não pode ser o lixo do planeta e fazer o gás localmente, com dejetos e restos orgânicos, pode inclusive ser uma resposta aos embargos bélicos que vêm por aí.

Por isso, digo que as obras de arte não são somente as pontes de concreto armado que permitem que se atravesse o fosso que separa o ser do ter.

Numa sociedade de despossuídos como a nossa, muitos estão jogados num mundo que não lhes pertence mais. Arte com lixo. A beleza construída naquilo que antes era poluição. Sujar a casa passou a ser embelezar ou mesmo que se construam casas de garrafas PET.

Mais de três décadas se passaram desde a Eco-92 e o Brasil real segue convivendo com lixões como se o espaço fosse infinito e como se houvesse algum lugar além de Miami para eu me esconder. Pois bem, os tubarões estão cada vez mais gordos por lá....

Metais enferrujados, vidros quebrados, plásticos e restos de comida ainda são tratados como uma coisa só na maioria dos lares brasileiros. Quantas toneladas diárias de lixo são descartadas de forma ambientalmente incorreta em um país de 200 milhões de habitantes. Faz as contas. Imagina na Índia ou na China com suas megacidades atulhadas de gente.

Bilhões de gentes.

Vivemos, em qualquer parte, nas mesmas cidades há centenas de anos e agora temos menos de uma década para resolver viver de outro jeito.

As repostas existem, mas só as acharemos se virarmos o jogo e nos livrarmos de governos autocráticos, cujo objetivo sempre será manter privilégios no topo da pirâmide.

Mas atenção, a tolerância zero sempre com a poluição.

Mas sem intolerância... afinal, não iremos desejar somente ser o penetra na festa, pelo menos iremos sempre desconfiar de quem passou colando.

Se conhecemos apenas 10% da biodiversidade do Brasil, está na cara que eu preciso começar a conhecer o resto antes que tudo se acabe no próximo incêndio da floresta.

Inovar será reflorestar para salvar o planeta. Inovar será parar de jogar o esgoto da zona sul nas Ilhas Cagarras.

Mas exceto os da Space-X, *nosotros tenemos* apenas um planeta para morar.

Para reciclar ideias

Leticia Cotrim da Cunha^{1,2}

¹Faculdade e Programa de Pós-Graduação em Oceanografia; ²Programa Agenda 2030 na UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Campus Maracanã, 20550-900, Rio de Janeiro, RJ

Estamos sendo alertados por notícias de recentes descobertas científicas preocupantes:

Há plástico presente na placenta de seres humanos¹.

Há plástico presente nos pulmões de seres humanos^{2,3}.

Há plástico presente no sangue de seres humanos⁴.

Há plástico também nos lugares mais remotos do planeta, incluindo a Antártica⁵ e nas idílicas praias de ilhas do oceano Atlântico tropical, como Fernando de Noronha ou Trindade⁶.

Estamos sendo transformados em depósitos de lixo de nós mesmos?

É preciso banir totalmente o uso do plástico? A resposta é não, em absoluto. Se alguém ainda questiona o “não”, pense na recente tarefa de vacinação em massa da população mundial contra a COVID-19. E se não pudéssemos usar seringas de plástico?

O boom do uso de utensílios de plástico começou depois da 2ª Guerra Mundial, e atualmente produz anualmente cerca de 350 milhões de toneladas de plásticos em geral⁷. Onde todo este material vai parar? Algumas estimativas apontam que de toda a quantidade de material plástico já fabricado pelo homem, apenas 9% foram reciclados, e cerca de 12% incinerado. Praticamente 80% de todo este material vai parar em aterros sanitários ou são descartados no meio ambiente⁷, tendo como destinação final rios, lagoas e o oceano. Se as estatísticas de reciclagem não forem mudadas drasticamente e em pouco tempo, o planeta será tomado por uma massa imensurável de um produto que é ao mesmo tempo versátil mas muito resistente à degradação, e cujos efeitos à saúde humana permanecem relativamente desconhecidos.

A reciclagem é aplicável somente para plásticos? Obviamente que não. Podemos reciclar água, metais, lixo eletrônico e fibras têxteis, por exemplo. Podemos ainda fazer uso eficiente de energia, água e alimentos. Podemos criar processos industriais, gerar empregos e melhorar a situação de vulnerabilidade social ao “reciclar”.

A disponibilidade de água doce per capita, a partir de fontes como rios, lagos e precipitação (chuvas) vem declinando em todo o mundo desde a década de 1960, inclusive no Brasil, em função do aumento da população e da demanda para a produção agropecuária ¹ ². As mudanças climáticas alterarão a oferta de

1

<https://www.fao.org/aquastat/statistics/query/index.html?sessionId=4005A8F1E724F1363B1FAFF7457A2749>

² <https://datacatalog.worldbank.org/search/dataset/0037712>

água se nenhuma providência for tomada para reduzir as emissões de gases de efeito estufa e limitar o aquecimento global até 1,5°C⁸.

A reciclagem de itens eletrônicos é outro assunto em alta, inclusive no âmbito do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente³. Em média, no mundo, a produção per capita anual de lixo eletrônico (ou *e-waste*) é de cerca de 6 kg/habitante. Além dos componentes plásticos, o lixo eletrônico contém metais, que podem ser tóxicos se lançados no meio ambiente, e gases fluorados presentes nas telas de LCD, que têm potencial para aumentar o efeito estufa e consequente mudança climática até mil vezes maior que o dióxido de carbono (CO₂)⁹.

Quando falamos de alimentos, não podemos esquecer que uma parte considerável da produção agropecuária é perdida durante o armazenamento, problemas no transporte ou no processamento. No caso de tubérculos, as taxas de “perda” pelo mau processamento desde a colheita até a distribuição podem chegar a absurdos 25%!!⁴ A perda de até ¼ da produção não inclui o desperdício pelos consumidores finais. Ora, se a produção de alimentos é responsável por cerca de 26% das emissões globais de gases de efeito estufa, já podemos imaginar a importância no manuseio e transporte para evitar perdas. Por outro lado, nós, consumidores finais, devemos estar atentos e evitar o desperdício de comida.

Podemos fazer uma lista extensa de casos em que está claro o desperdício e falta de gestão de resíduos e reciclagem de materiais, até percebermos um quadro geral catastrófico, onde não vemos saída para este imenso problema. O conceito de reciclar não é novo, no entanto.

Antes de nos sentirmos soterrados por montanhas de plástico, privados de um bem tão precioso quanto a água, envenenados pelo que resta das nossas próprias maravilhas tecnológicas, e mergulhados em angústia infinita, temos que lembrar que há soluções para a maioria destes casos. Assim como a necessidade de uma vacina para barrar o avanço de uma pandemia nos levou a uma resposta rápida, temos que nos conscientizar que temos outros problemas que exigem uma ação rápida e direcionada.

Podemos fazer a nossa parte, consumindo minimamente produtos com plástico de uso único, como canudos, copos e talheres descartáveis, embalagens. Devemos exigir, enquanto consumidores que grandes marcas realizem o serviço de logística reversa i.e. sejam responsáveis pelo recolhimento dos vasilhames e os reciclem ou reaproveitem. Esta solução é relativamente simples, e já existiu – quem tem mais de 40 anos de idade no Brasil lembra muito bem da devolução do “casco” de bebidas gaseificadas e cervejas. Outro exemplo de sucesso em nosso país, movido em grande parte pela necessidade e vulnerabilidade social, é a reciclagem de embalagens de alumínio, que passa de 95%⁵. Geralmente após grandes eventos ao ar livre, não vemos sequer um sinal de latinhas de alumínio! Já os restos de plástico...

³ <https://www.unep.org/ietc/what-we-do/e-waste-management>

⁴ <https://www.fao.org/platform-food-loss-waste/flw-data/en/>

⁵ <https://abal.org.br/>

Podemos escolher alimentos produzidos regionalmente. Podemos escolher alimentos cuja produção e processamento seja mais racional, tanto no que diz respeito à quantidade de água utilizada em sua produção quanto na emissão de gases de efeito estufa.

Devemos cobrar o cumprimento das leis que regulamentam o descarte de lixo eletrônico e outros resíduos sólidos. Sim, temos no Brasil um Plano Nacional de Resíduos Sólidos, com projeto de lei mais recente criado em 2010 e sancionado em 2020 (!)⁶ Dentre outros, este plano nacional aponta que produtores devem realizar sistema de coleta e descarte seguros – a logística reversa.

Devemos lembrar também que o investimento em tecnologia e ciência traz, a médio prazo, soluções mais baratas, eficientes e com baixa emissão de carbono para novos materiais, processos industriais e reaproveitamento e reciclagem.

Não somos capazes individualmente de dar conta de tantos problemas, mas coletivamente temos muita força enquanto cidadãos, consumidores, eleitores e artistas, já que a Arte certamente une todos os leitores deste texto. Recicle as suas ideias!

Bibliografia:

- 1 Ragusa A, Svelato A, Santacroce C, Catalano P, Notarstefano V, Carnevali O *et al.* Plasticenta: First evidence of microplastics in human placenta. *Environ Int* 2021; **146**: 106274.
- 2 Jenner LC, Rotchell JM, Bennett RT, Cowen M, Tentzeris V, Sadofsky LR. Detection of microplastics in human lung tissue using μ FTIR spectroscopy. *Sci Total Environ* 2022; **831**: 154907.
- 3 Amato-Lourenço LF, Carvalho-Oliveira R, Júnior GR, dos Santos Galvão L, Ando RA, Mauad T. Presence of airborne microplastics in human lung tissue. *J Hazard Mater* 2021; **416**: 126124.
- 4 Leslie HA, van Velzen MJM, Brandsma SH, Vethaak AD, Garcia-Vallejo JJ, Lamoree MH. Discovery and quantification of plastic particle pollution in human blood. *Environ Int* 2022; **163**: 107199.
- 5 Sul JAI, Barnes DK a, Costa MF, Convey P, Costa ES, Campos LS. Plastics in the Antarctic Environment: Are We Looking Only At the Tip of the Iceberg? *Oecologia Aust* 2011; **15**: 150–170.
- 6 do Sul JAI, Spengler A, Costa MF. Here, there and everywhere. Small plastic fragments and pellets on beaches of Fernando de Noronha (Equatorial Western Atlantic). *Mar Pollut Bull* 2009; **58**: 1236–8.
- 7 Roland G, R. JJ, Lavender LK. Production, use, and fate of all plastics ever made. *Sci Adv* 2022; **3**: e1700782.
- 8 IPCC. Summary for Policymakers. In: Masson-Delmotte V, Zhai P, Pirani A, Connors SL, Péan C, Berger S *et al.* (eds). *Climate Change 2021: The Physical Science Basis. Contribution of Working Group I to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change*. Cambridge University Press, 2021, p in press.
- 9 Ghosh BK, Mekhilef S, Ahmad S, Ghosh SK. A Review on Global Emissions by E-Products Based Waste: Technical Management for Reduced Effects and Achieving Sustainable Development Goals. *Sustainability* 2022; **14**: 4036.

⁶ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/112305.htm

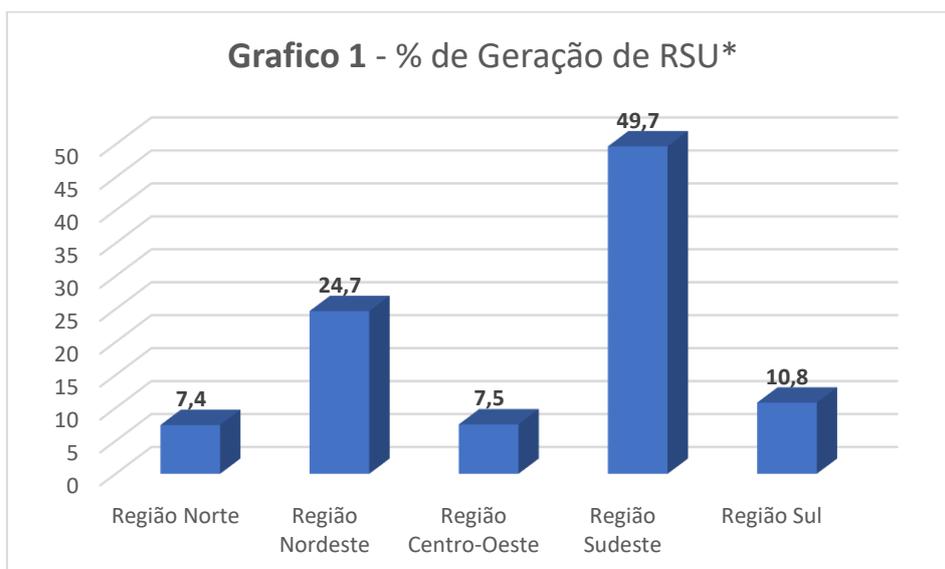
Reciclagem – Um Olhar Sobre a Perspectiva da Política Nacional de Resíduos Sólidos

Omelino Souza – engenheiro civil

O Brasil figura entre os países que mais geram resíduos sólidos no mundo. Grande parte de sua geração vem de grandes centros urbanos através dos RSU (Resíduos Sólidos Urbanos), que são encaminhados para aterros sanitários, ou até mesmo com disposições irregulares, como os lixões ou queimas a céu aberto.

Com um vasto território, diferentemente, dos países europeus, por exemplo, os aterros sanitários são uma opção economicamente viável, mas com potencial de poluição do solo e água subterrânea, além de não permitirem a reciclagem dos materiais ali dispostos. Neste sentido, a Lei 12.305/2010 – Política Nacional dos Resíduos Sólidos (PNRS) – foi elaborada visando implementar uma política de prevenção e redução na geração de resíduos, além de possuir instrumentos que estimulam o aumento da reciclagem e reutilização dos resíduos. A lei visa também a destinação ambientalmente adequada de rejeitos, que são aqueles que não são passíveis de reciclagem ou reutilização.

Segundo a ABRELPE (Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais), a geração de RSU no Brasil foi de aproximadamente 82,5 milhões de toneladas em 2020, que neste ano especificamente sofreu um aumento expressivo, possivelmente devido à pandemia de COVID-19, onde as demandas de consumo foram significativamente transferidas para as residências. Deste montante, 49,7% da geração corresponde à região sudeste. O **Gráfico 1** apresenta a distribuição por região do país.



*Fonte: Panorama ABRELPE 2021

Segundo a Associação Nacional dos Catadores e Catadoras de Materiais Recicláveis (Ancat), neste mesmo ano de 2020 foram coletadas e comercializadas aproximadamente 327 mil toneladas de resíduos sólidos no país. Quando comparada à geração de resíduos sólidos, pode-se observar o potencial ainda em aberto para a comercialização de recicláveis, juntamente com o potencial de geração de empregos.

Além da coleta de RSU, cabe também a coleta de outros tipos de materiais em 2020, a saber:

- Resíduos de Construção e Demolição (RCD): Aproximadamente 47 milhões de toneladas*, sendo grande parte oriunda da região sudeste em função da alta ocupação imobiliária;
- Resíduos de Serviços de Saúde (RSS): Aproximadamente 290 mil toneladas*. Deste total, cerca de 30% não tem tratamento prévio, sendo descartado inadequadamente;

***Fonte: Panorama ABRELPE 2021**

Um ponto de destaque da PNRS, em termos de reciclagem, é a logística reversa, definida como *"instrumento de desenvolvimento econômico e social caracterizado por um conjunto de ações, procedimentos e meios destinados a viabilizar a coleta e a restituição dos resíduos sólidos ao setor empresarial, para reaproveitamento, em seu ciclo ou em outros ciclos produtivos, ou outra destinação final ambientalmente adequada."*

Dentre os itens que sofreram significativa evolução em termos de logística reversa, podem-se citar:

- Embalagens de defensivos agrícolas;
- Embalagens de óleos lubrificantes;
- Pneus inservíveis;
- Lâmpadas fluorescentes de vapor de sódio e mercúrio e de luz mista;
- Medicamentos;
- Equipamentos eletrônicos e seus componentes;
- Baterias de chumbo - ácidos inservíveis;
- Embalagens de açós;
- Embalagens em geral

Apenas como exemplo, em 2020, 97,4% das latas de alumínio que entraram no mercado foram recicladas, através de logística reversa. Ainda assim, outros itens carecem de coleta e reciclagem, havendo um longo caminho a se percorrer nesse sentido.

Também no contexto da PNRS, o governo federal publicou em 14/04/2022, o Plano Nacional de Resíduos Sólidos (PLANARES), que tem como meta recuperar ou reciclar 48,1% dos resíduos sólidos urbanos até 2040. Para cumprimento dessa meta será necessário, por exemplo, aumentar o aproveitamento energético da fração orgânica dos resíduos, através da captação de biogás e tratamento térmico.

De qualquer forma, mesmo com os avanços trazidos pela PNRS, o Brasil ainda enfrenta vários desafios de logística para atingir maiores patamares em termos de coleta e reciclagem. Em termos macros, destinamos boa parte de nossos resíduos em aterros sanitários ou lixões, enquanto na Europa só irão para estes locais o que realmente não se pode reciclar ou aproveitar em termos energéticos, por exemplo. Para atingirmos patamares mais elevados, quando comparados a outras nações em estágios mais avançados, são necessários incentivos governamentais e acordos setoriais que impulsionem investimentos, além de fiscalizações mais rigorosas.

Fontes:

Panorama (2021), Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE)

World Bank (2018), What a Waste 2.0: A Global Snapshot of Solid Waste Management to 2050

<https://www.ecycle.com.br/anuario-da-reciclagem-2021-retrata-a-realidade-dos-catadores-de-materiais-reciclaveis-e-de-suas-organizacaoes-no-brasil/> - Acesso em 22/04/2022

<https://www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de-conteudo/artigos/artigos/217-residuos-solidos-urbanos-no-brasil-desafios-tecnologicos-politicos-e-economicos> - Acesso em 25/04/2022

<http://www.ibama.gov.br/residuos/controle-de-residuos/politica-nacional-de-residuos-solidos-pnrs> - Acesso em 25/04/2022

<https://antigo.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/residuos-solidos/politica-nacional-de-residuos-solidos.html> - Acesso em 27/04/22

<https://antigo.mma.gov.br/cidades-sustentaveis/residuos-perigosos/logistica-reversa> - Acesso em 25/04/2022

<https://www.ancat.org.br/> - Acesso em 30/04/2022

<https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/noticias/2022/abril/decreto-aprova-o-plano-nacional-de-residuos-solidos> - Acesso em 30/04/2022

<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/04/5000964-plano-preve-fim-dos-lixoes-em-2-anos-e-reaproveitar-48-dos-residuos-ate-2040.html> - Acesso em 30/04/2022

Manduca Simões

Reciclagem, só, não sobrepuja
mentalidade suja.

Nosso papel:
mais que eliminar papel.

Humanidade não erra...
amando a Terra.

Embora tudo passe,
a natureza renasce.

Sejamos, então, fractais
de harmonias universais.

Adriana Montenegro



Sem título; fotografia, impressão fine art; tiragem 3; 28,5 x 19 cm; 1991/2

Adriana Nataloni



Insurgência; fotografia (a partir de trabalho para contexto específico homônimo – site specific), impressão fine art; 60 x 90 cm; tiragem 5; 2021/2022

Ale Silva



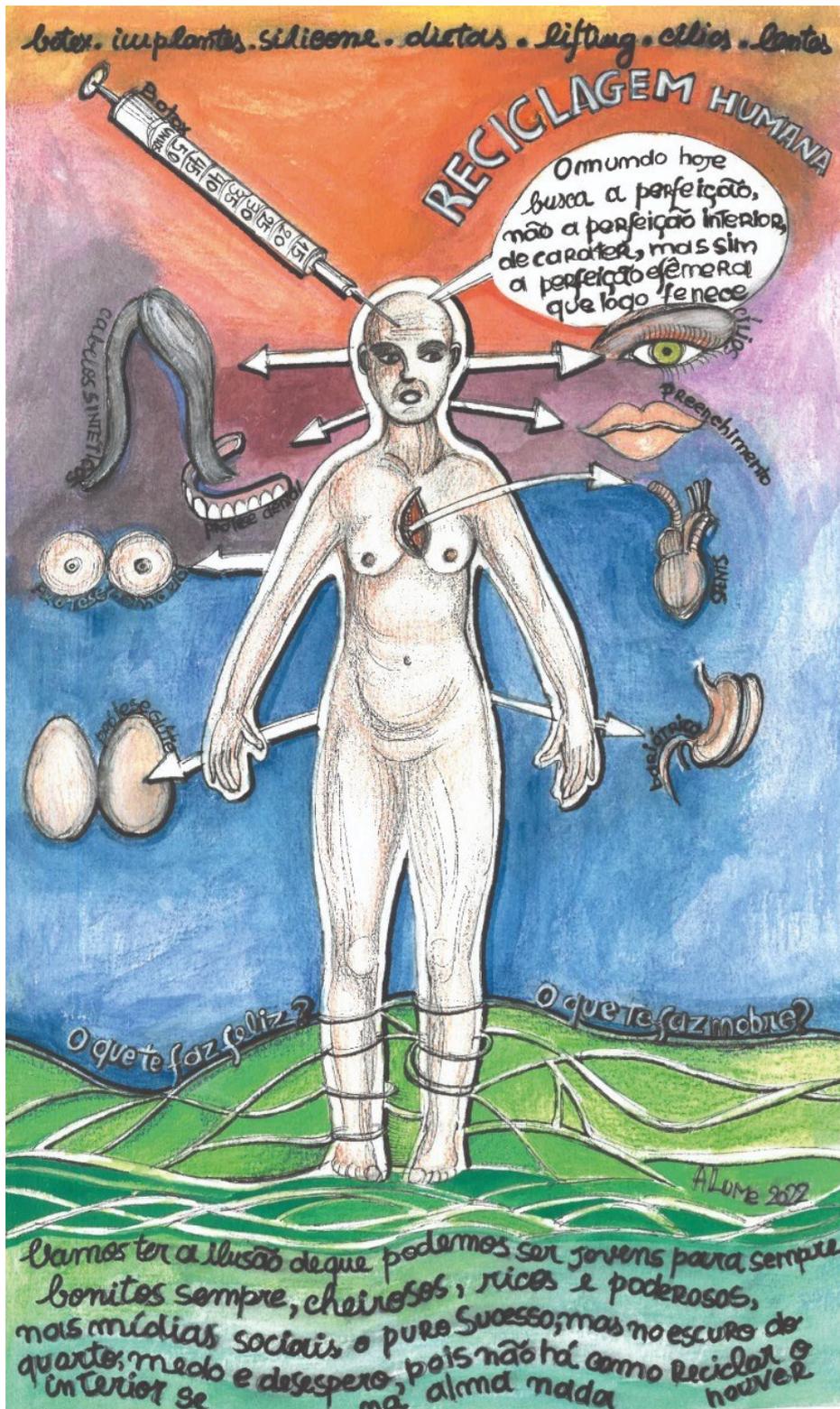
Dona Aparecida; fotografia; 30 x 42 cm; 2022

Alexandre Palma



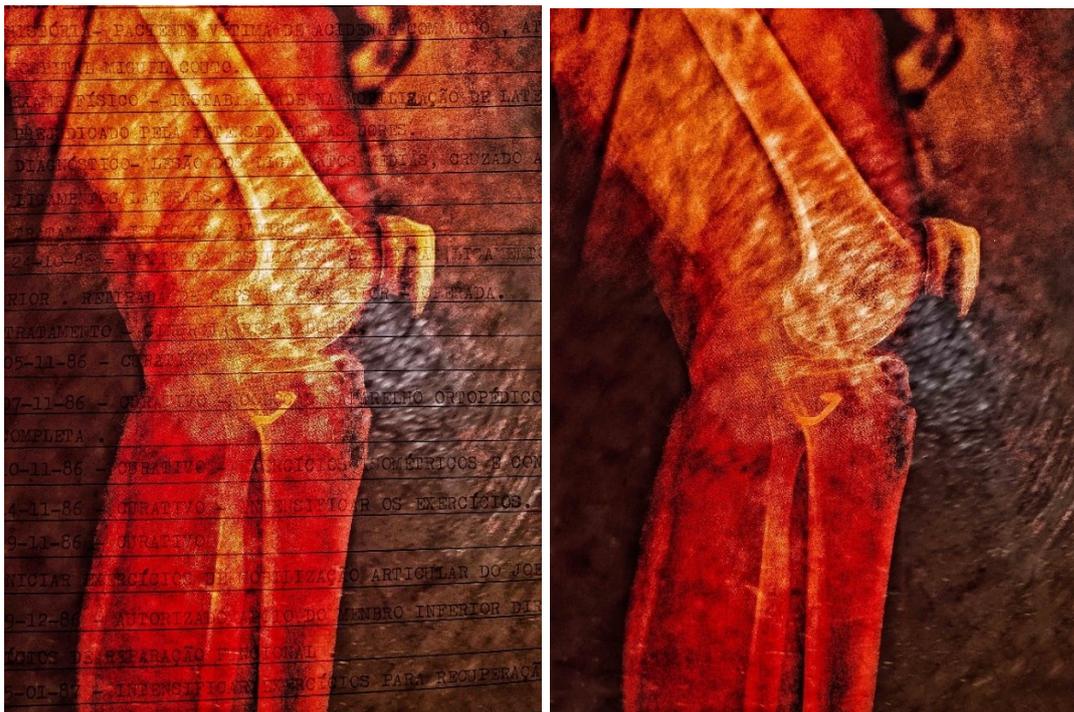
Sem título, série Eu Sou Cacique; óleo s/ tela; 80 x 60 cm; 2021

Ana Luiza Mello



Reciclagem Humana; desenho aquarelado; 24,5 x 41,25 cm; 2022

Ana Pose



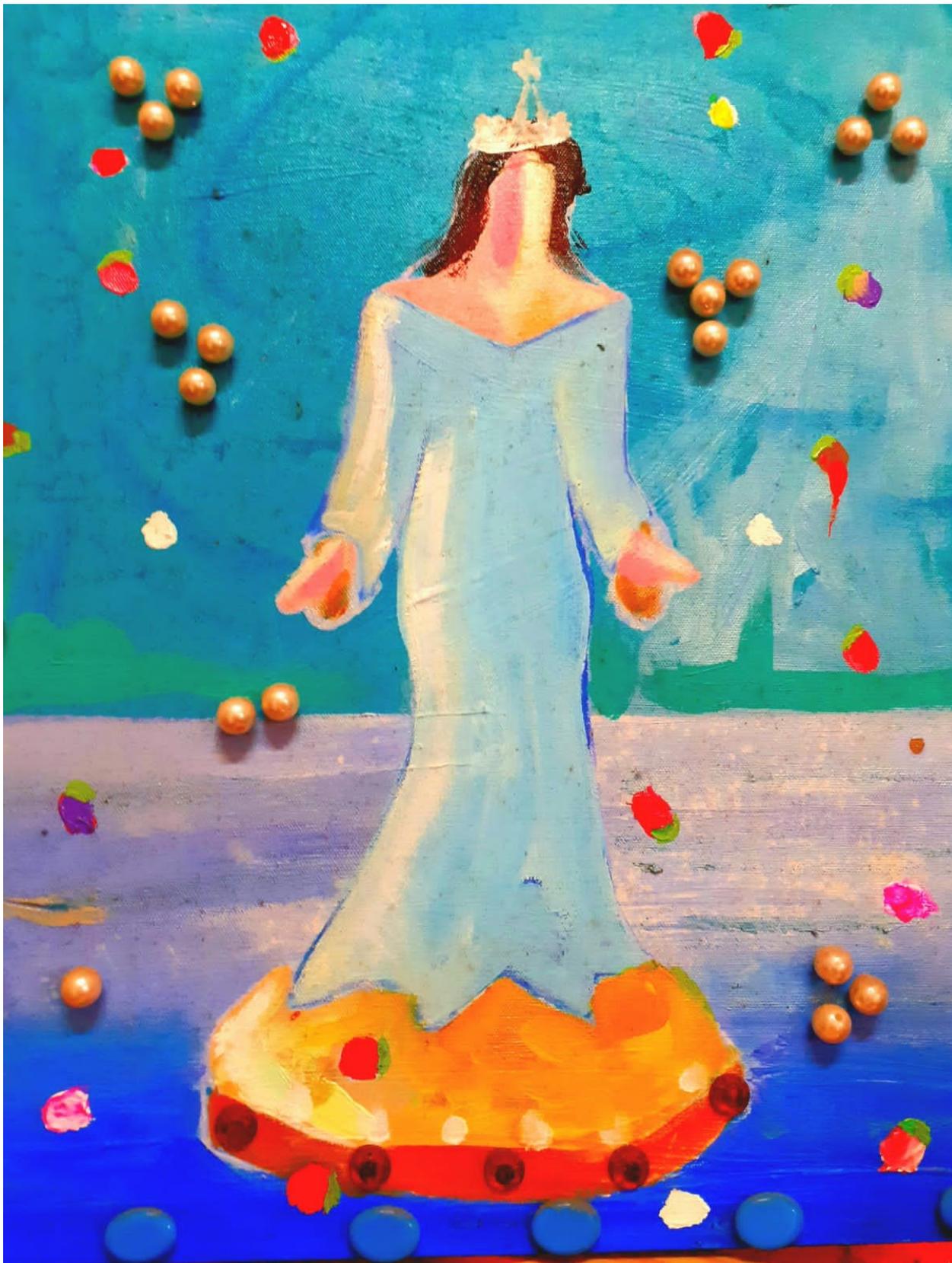
Reciclagem corporal (díptico); fotografia digital, impressão fine art jato de tinta em papel Hahnemühle; tiragem 10; 21 x 29 cm cada; 2022

Angela Moraes



Retorção; escultura em papelão com acabamento em cimento; 13 x 22 x 14 cm; 2022

Augusto Herkenhoff



Iemanjá; acrílica s/ tela e pérolas recicladas de um colar; 45 x 37 cm; 2012

Bahie Banchik



O BOTE; escultura em papel Kraft, cera natural, bailarinas e bolsa metálica dos anos 50, em caixa de acrílico; 45 x 30 cm; 2022

Benjamin Rothstein



O Equilíbrio Humano; acrílica s/ canvas e colagem; 129 x 150 cm; 2011

Betty Zajdenweg



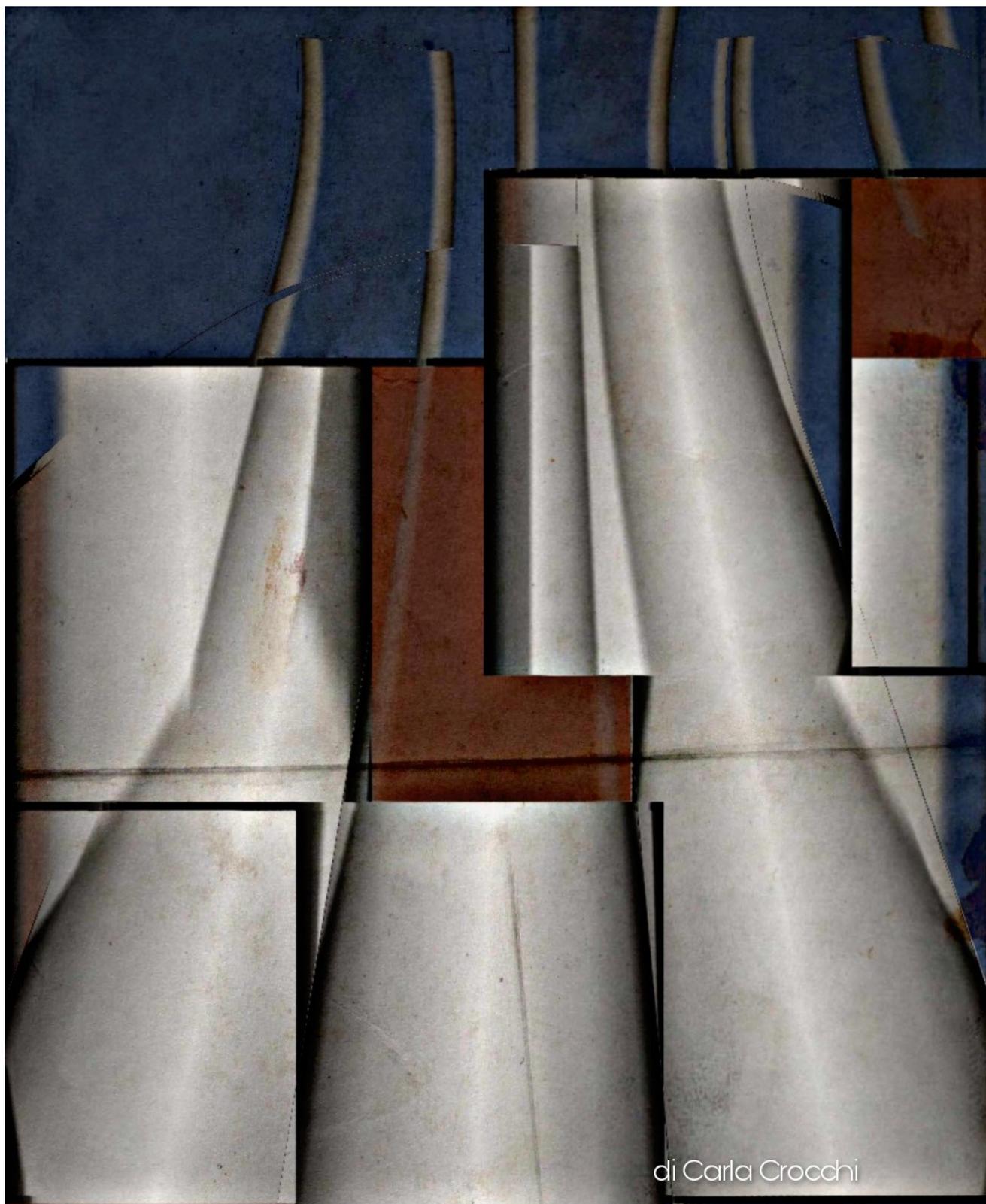
Pink limonade; técnica mista (aquarela, nanquim, colagem, bordado); 60 x 70 cm; 2022

Caetano Rocha



Excessivo; acrílica e parafina s/ tela; 60 x 60 cm; 2022

Carla Crocchi

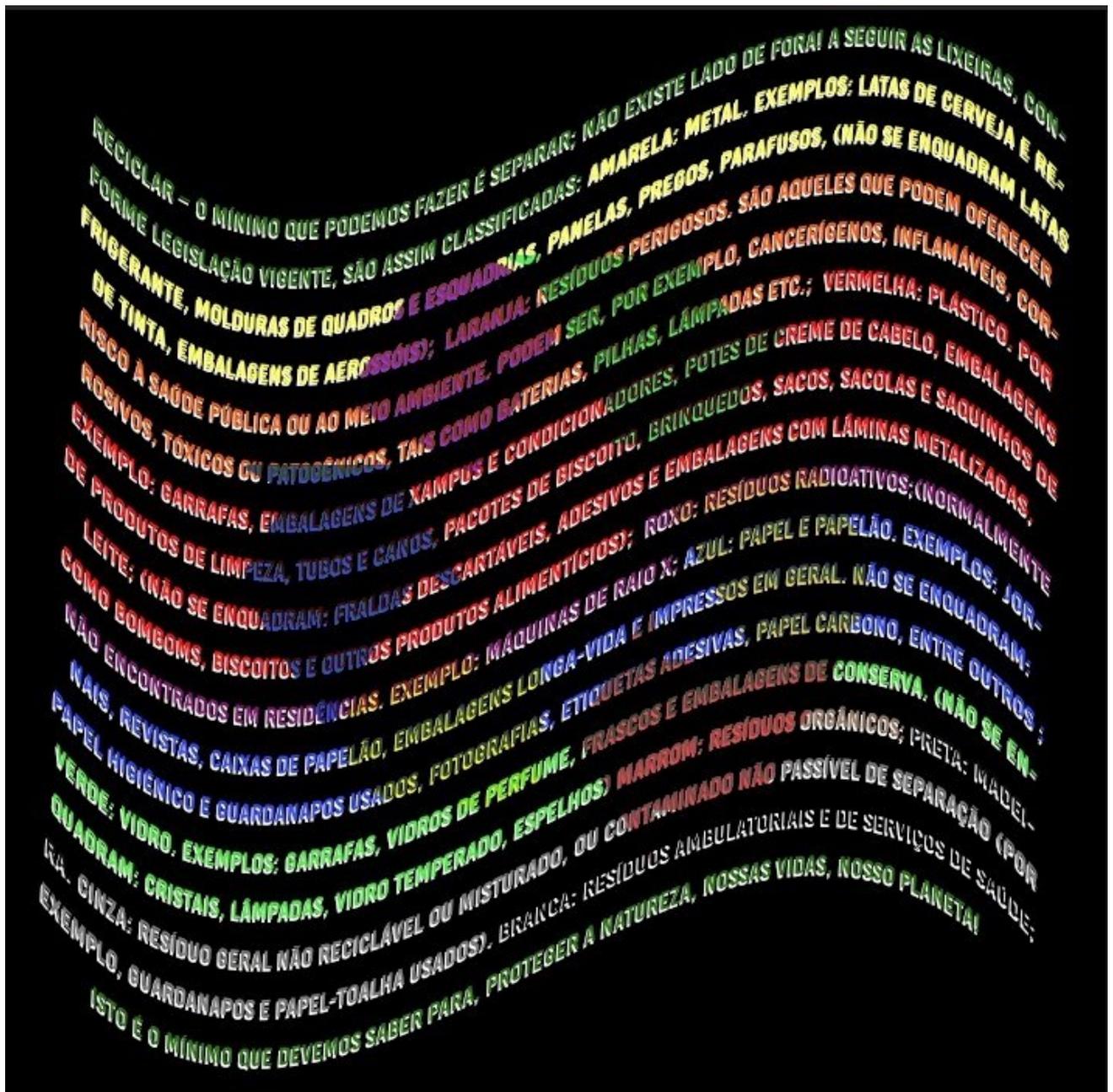


Filtros de Óleo; arte digital; tiragem única; 80 x 70 cm; 2022

Carmen Bello

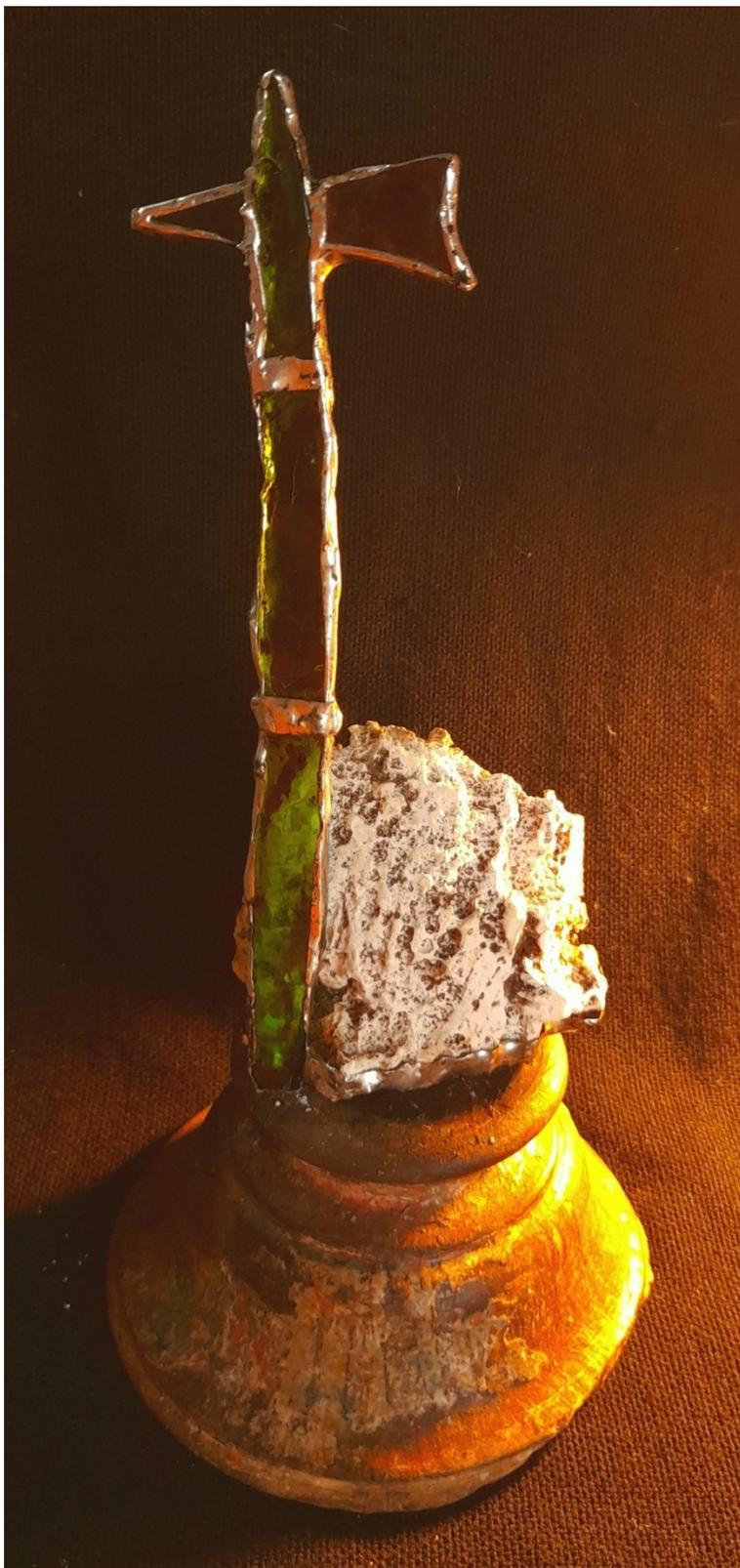


Reciclando Afetos; acrílica s/ tela; 27 x 35 cm; sem data



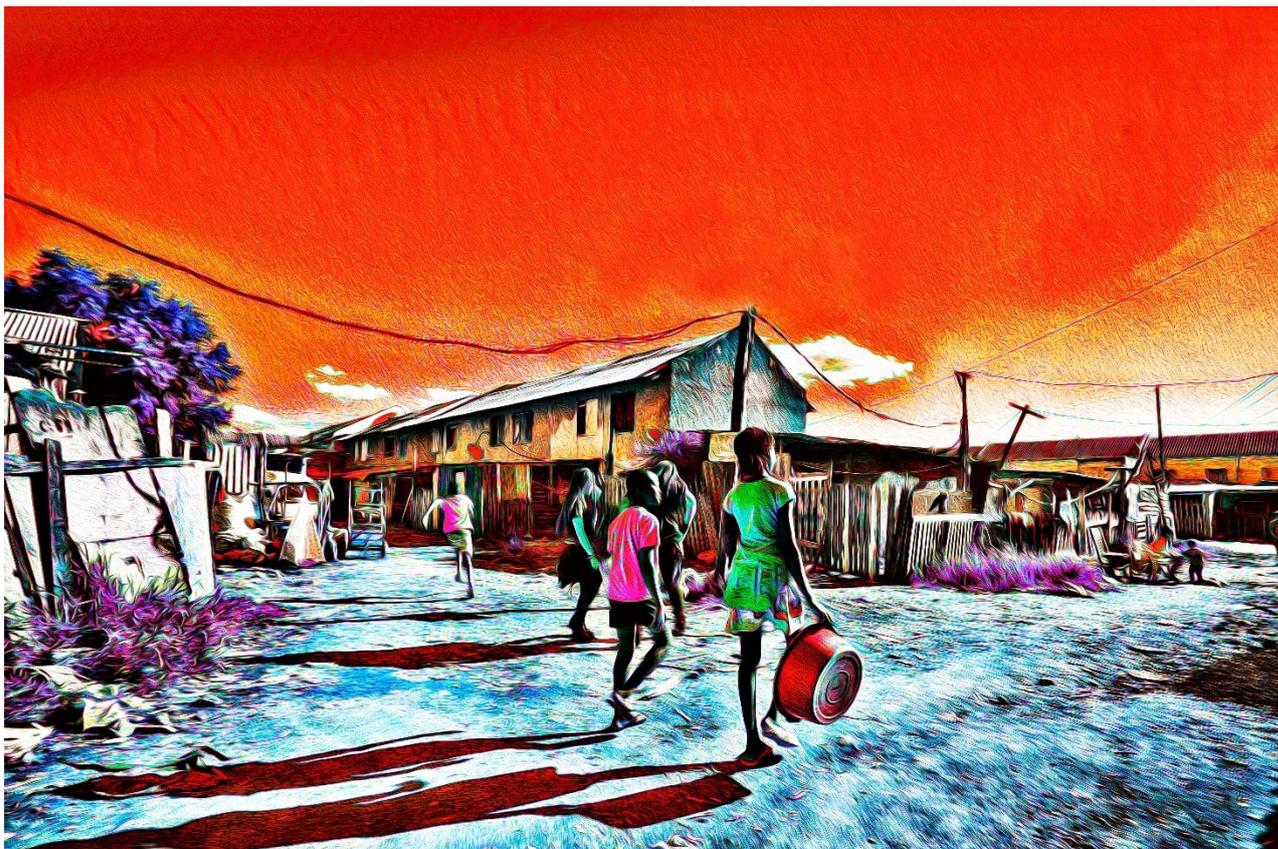
Não existe lado de fora; design gráfico e impressão fine art s/ papel
Hahnemuhle Photo Rag 308 g.; tiragem 10; 50 x 50 cm; 2022

Celso Adolfo



Devolvendo atributos aos santos/ a lança nova de São Judas Tadeu; gesso, vitral, madeira; 12 x 12 x 22 cm; 2022

Cerise E



Indiferença; fotografia e Digital art; tiragem única; 30 x 40 cm, 300 dpi; 2022

Christian Quellmann



Recycled mythology; fotografias tratadas digitalmente, impressão fine arts; 30 x 40 cm; tiragem 5; 2022

Sonhos podem ser reciclados - monumento a pioneiro da aviação alemã, Otto Lilienthal; e avião da recém fundada Lufthansa dos anos 30, que serviam também para bombardear Guernica.

Claudia Tolentino



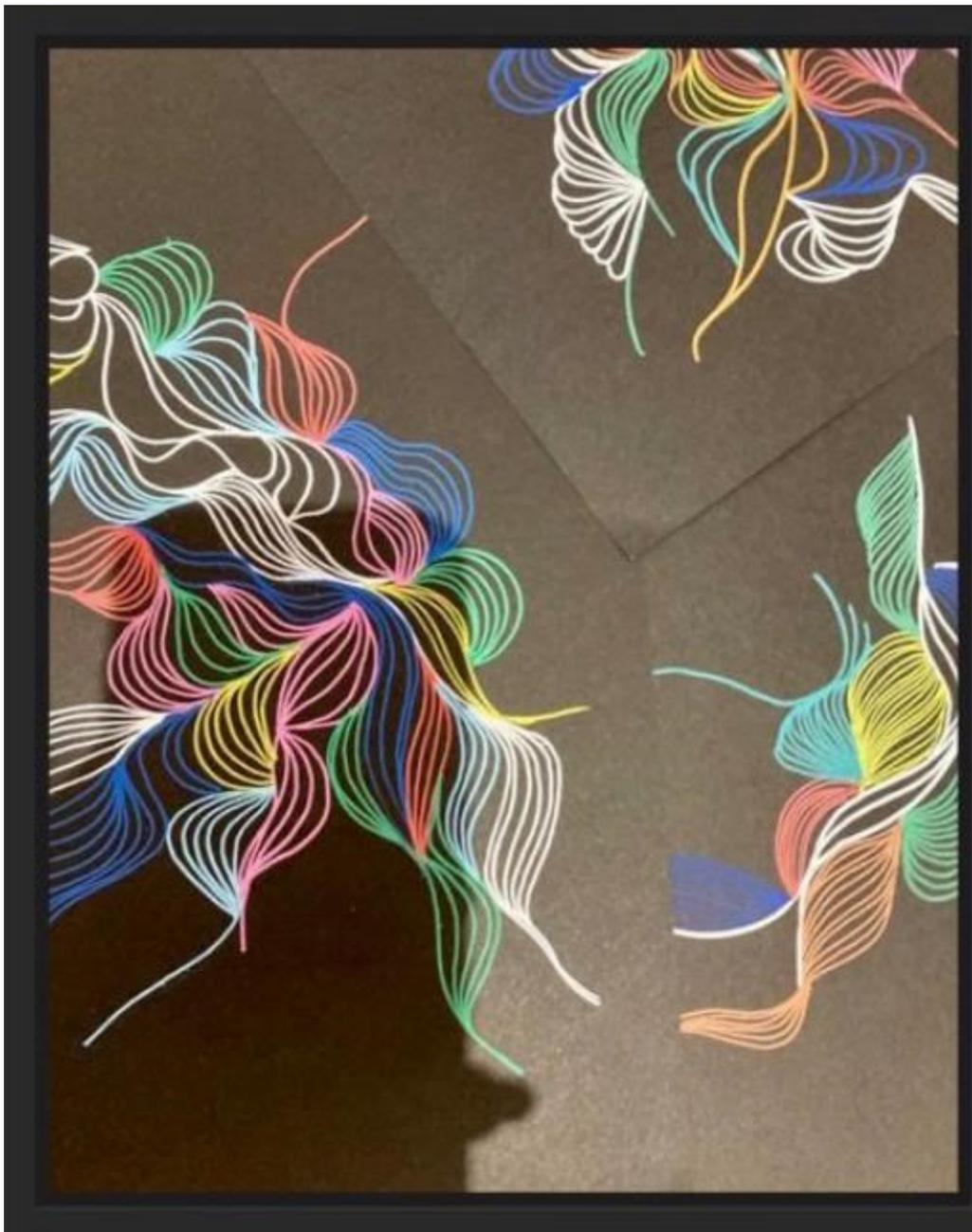
Sem título; litografia, impressão em papel Rives 250 g.; tiragem 5; 25,5 x 21,5 cm (imagem 14,5 x 19 cm); 2022

Claudia Watkins



Caroço de abacate; fotografia impressão fine art em papel cotton; tiragem única; 21 x 29 cm; 2022

Coletivo Redemoinho



Sobra; arte digital, impressão fine art; tiragem 6; 60 x 40 cm; 2022

Sobra

O impulso, o pulso que pulsa
Não cessa de reciclar
Qual onda que quebra e requebra
É sempre vária em seu requebrar
Se o dia viceja esplendoroso
Do amarelo vivo, vide uni-verso azul

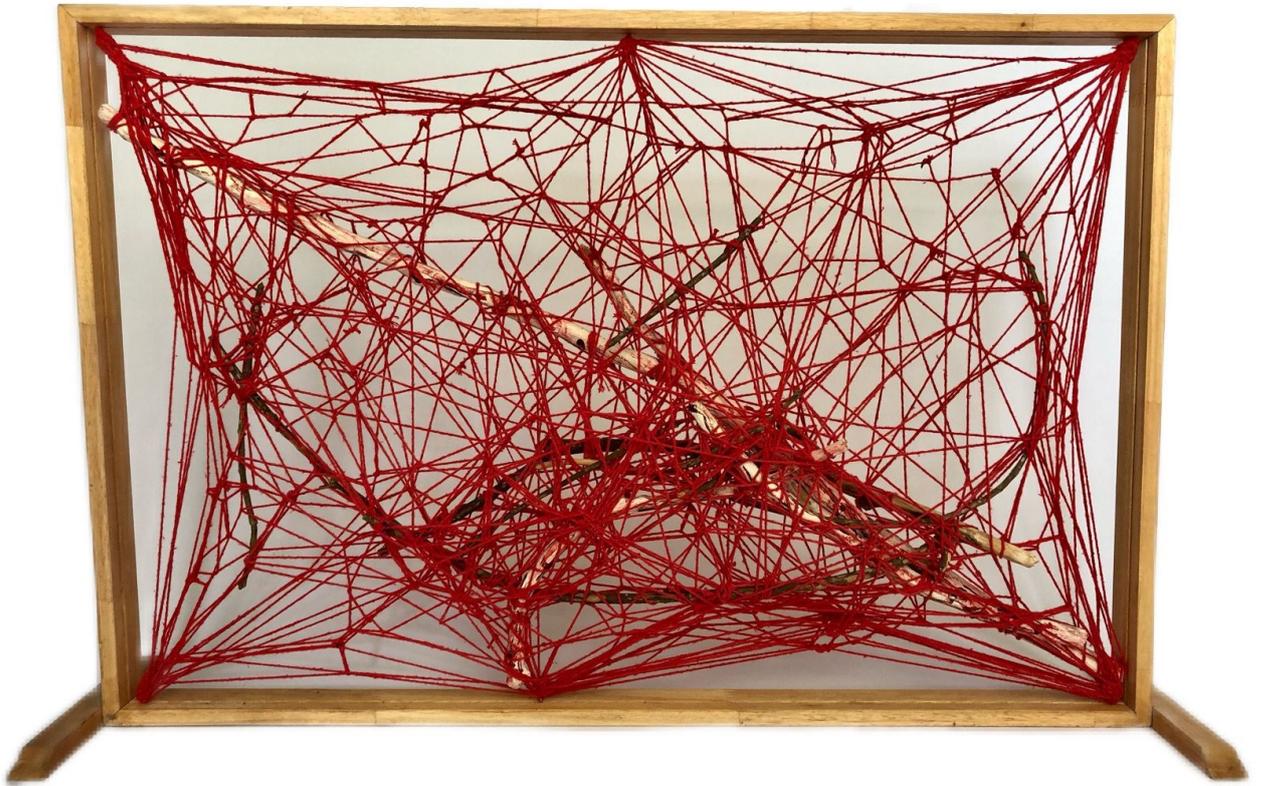
Até o carmim e o púrpura
E, enfim, o breu
Deito sob as estrelas e, de repente,
amanheceu.
Entre sins e nãoos
O olho de quem pinta é borda
Ora acrescenta um tom,
Ora retira um véu.
Vida, arte é o que sobra.

Cora Figueiredo



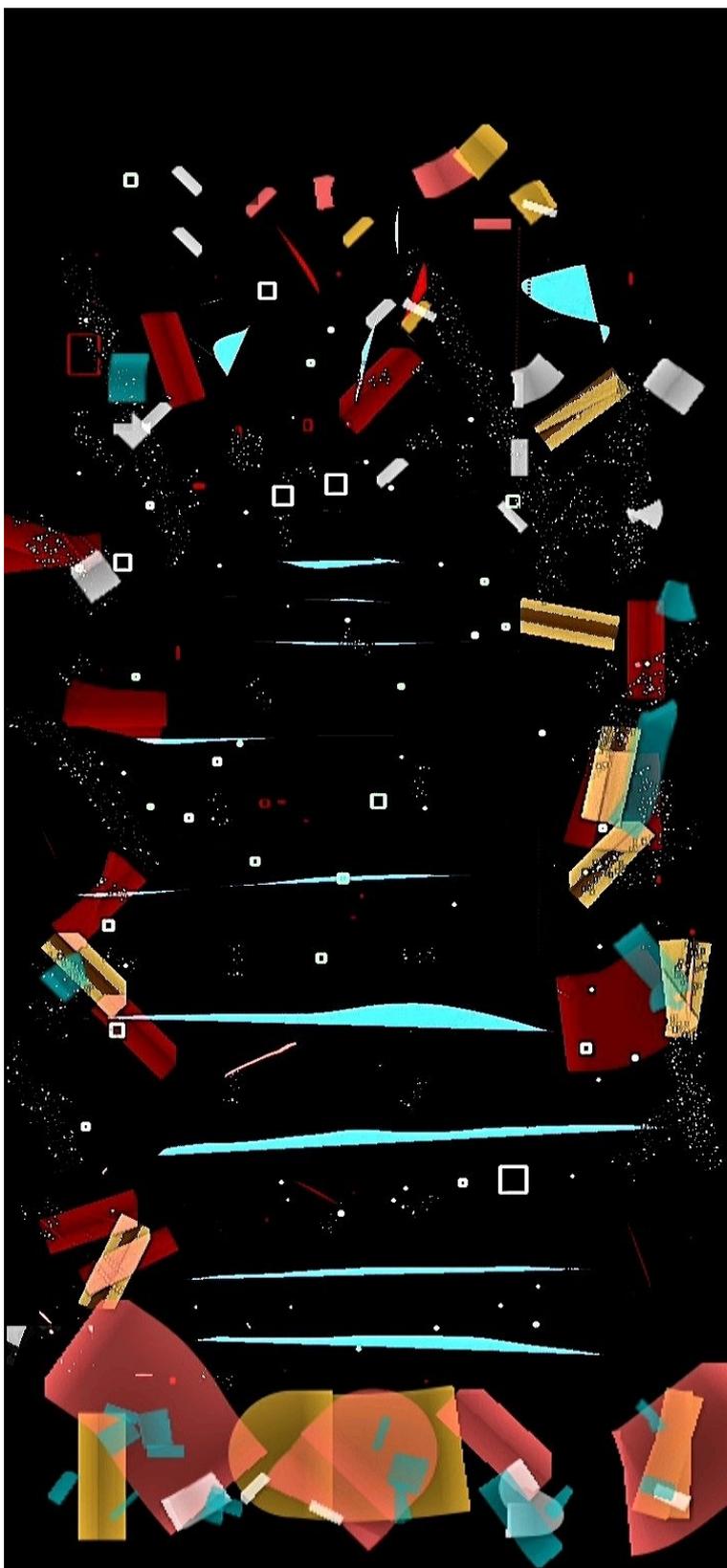
Reciclando com cápsulas de café Nespresso; acrílica s/ tela, colagem de cápsulas de café Nespresso (moldura reaproveitada); 94 x 40 cm

Cota Azevedo



Navegantes, série O avesso e a lenda dos dias; estrutura de madeira, galhos naturais, acrílica, barbantes entrelaçados manualmente; 90 x 60 cm; 2021

Cunca Bocayuva



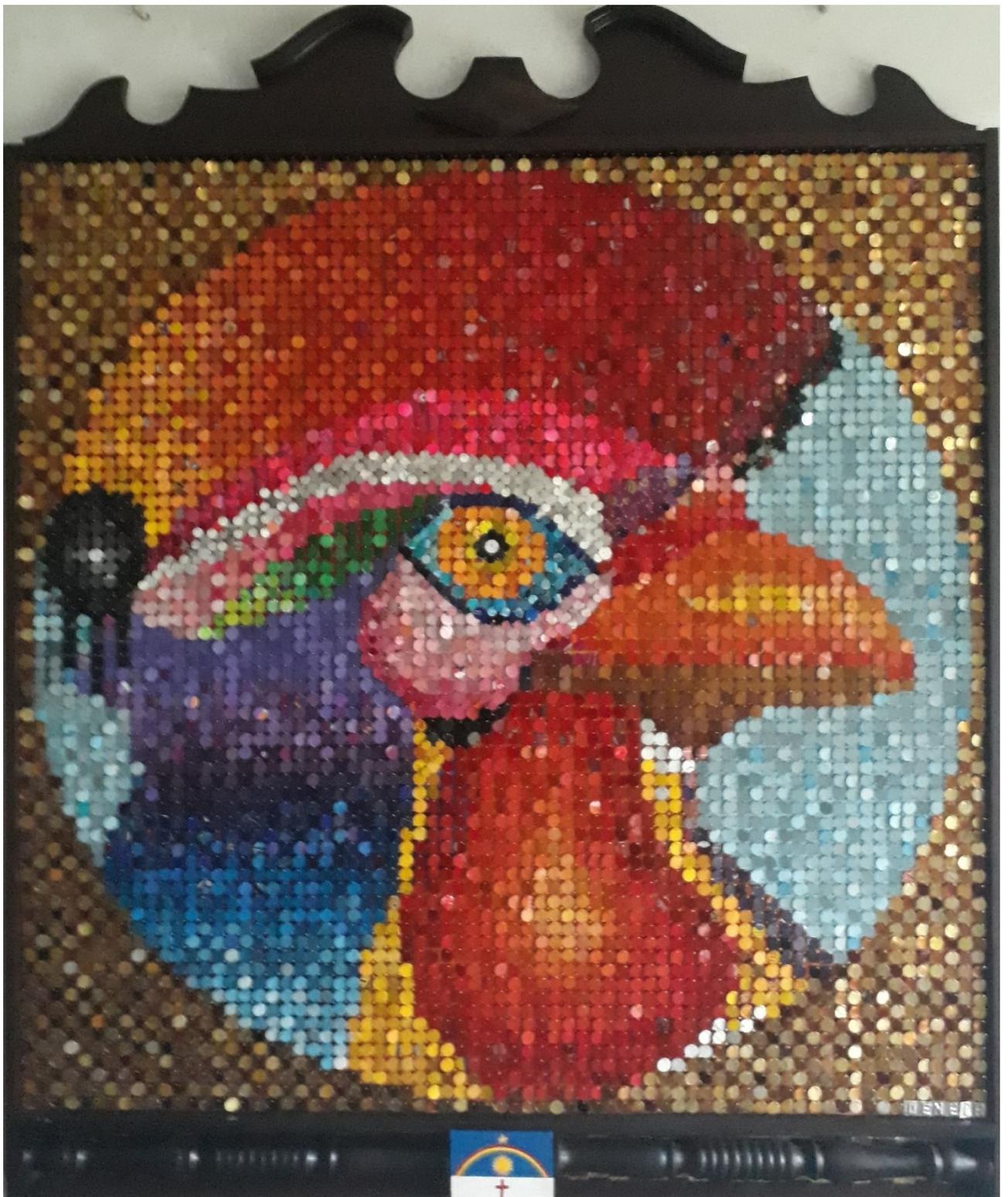
Cores em perspectiva cósmica; desenho digital, impressão fine art, moldura em madeira preta; tiragem 3; 60 x 40 cm; 2022

Daniela Santa Cruz



No centro era a Terra; técnica mista s/ tela; 120 x 80 cm; 2022

Deneir



Galo da Madrugada; madeira, alumínio reciclado (frascos de desodorantes) e alfinetes; 05 x 130 x 155 cm; 2022

Dora Portugal



Jardim de Apropriações; técnica mista, com colagem de fragmentos xilográficos e acrílica s/ fotografia; 42 x 29 cm; 2022.

Dulce Lysyj



Sem título, tróptico, série Ciborgs químicos; colagem de blister de medicamentos; 40 x 40 cm cada; 2020 e 2021

Elis Pinto



As três graças do Brasil, da série Trópicos a Vênus do Fim do Mundo; acrílica e óleo s/ tela; 66 x 78 cm; 2015

Fabi Cunha



Com vida #1; objeto: madeira, arame farpado, vergalhão de ferro, concreto, lã e orquídeas; 100 x 30 cm; 2022

Graça Pizá



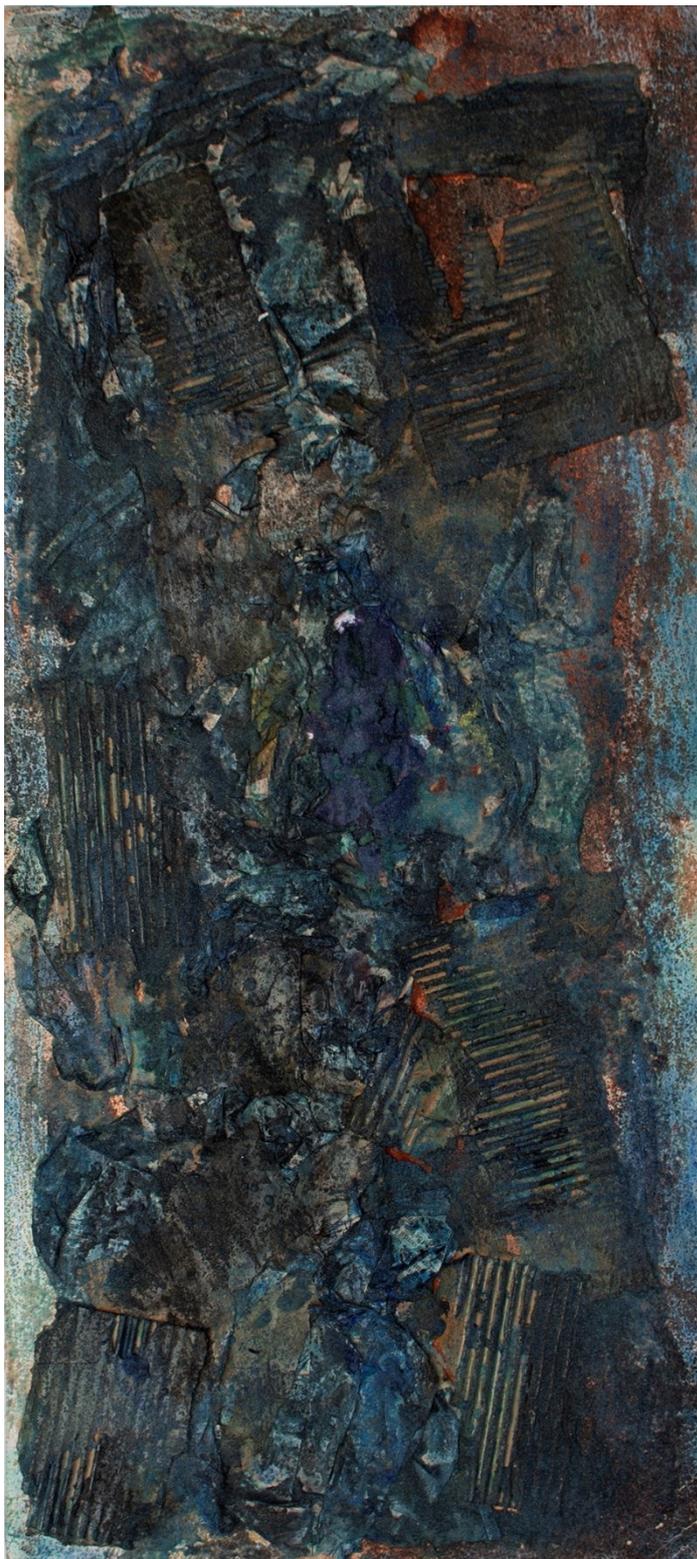
Georupta; escultura: Borracha, polivinil, tinta spray, plástico, nylon; 90 x 70 x 70 cm; 2022

Guta Moraes



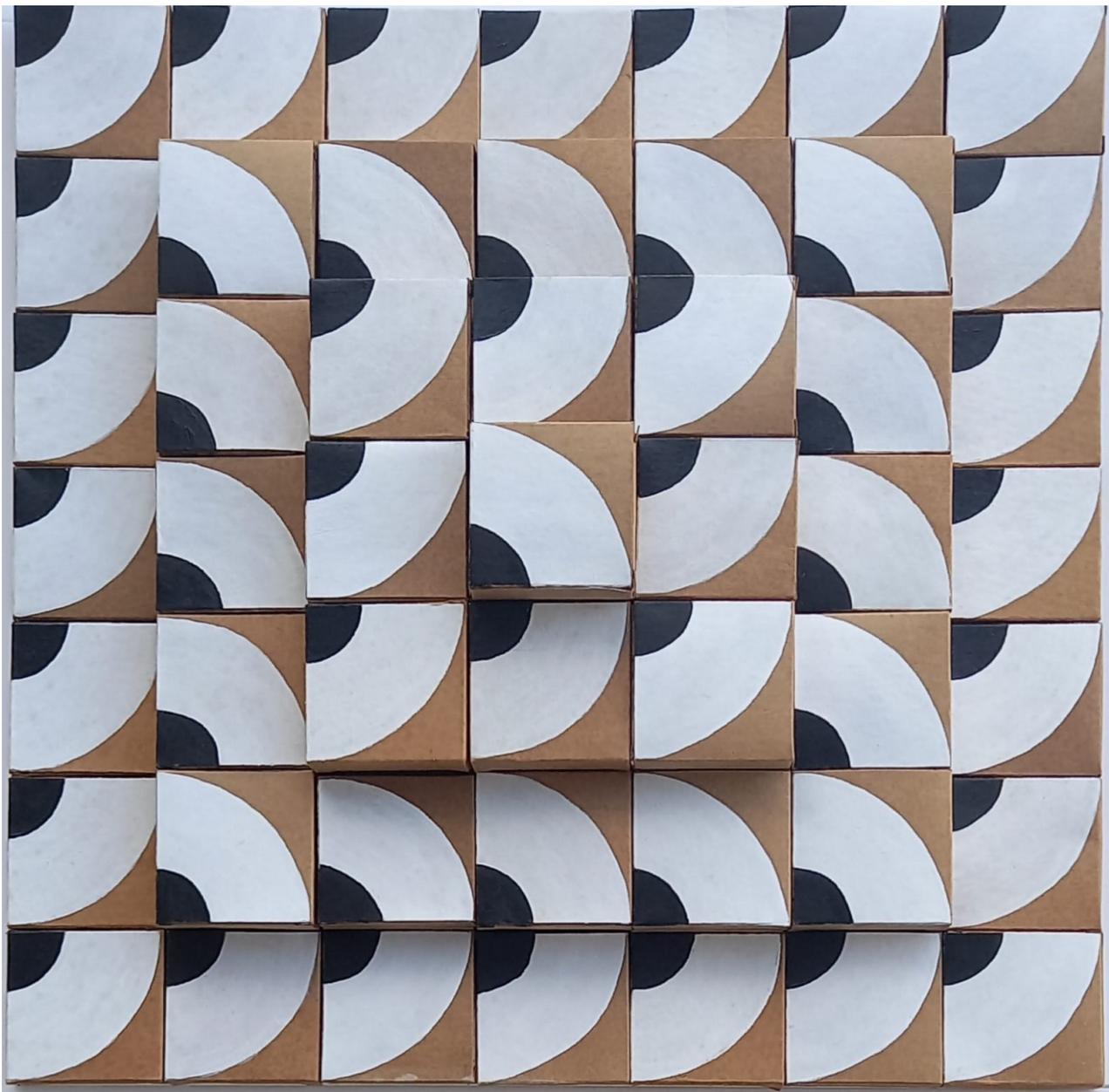
Pipa nº 1 - Viva!; assemblage; 34,5 x 34,5 cm; 2020; Pipa nº 2 - Visão Acima - assemblage - 62 x 43 cm (sem rabiola), 2020; Pipa nº 3 - Não Tem Fora - assemblage - 50 x 38 cm (sem rabiola), 2020; Pipa nº 4 - Alegria; 257 (com rabiola) x 34 x 12 cm; 2020; Pipa nº 5 - Feminina; assemblage; 48 x 48 x 160 cm (com rabiola); 2020

Helena Pontes



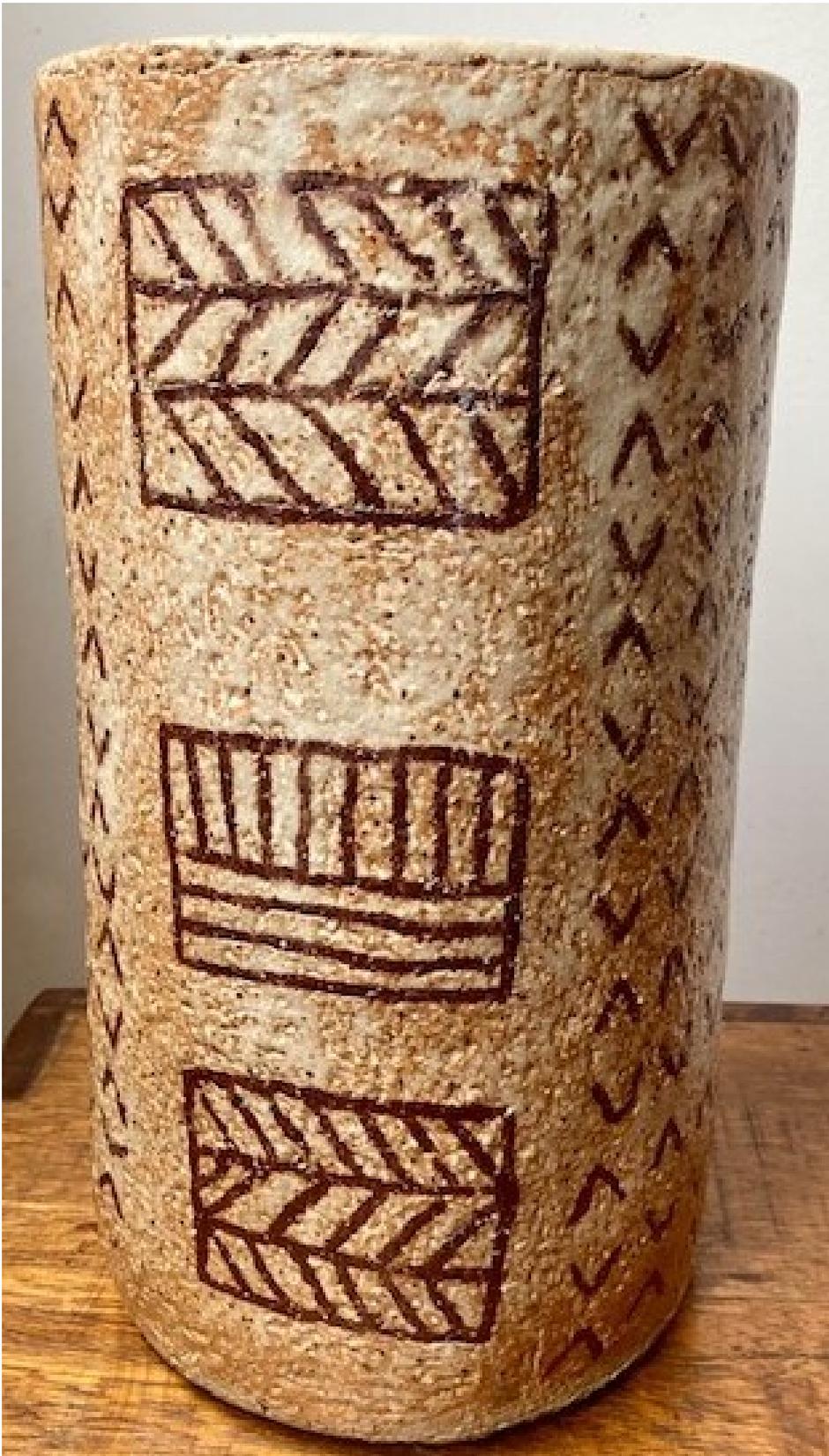
Da Série Caos orgânico 02; papelão, areia e pigmento s/ cartão; 80 x 35 cm;
2019

Helena Wassersten



Olhar impreciso; caixas de papel Kraft, acrílica e cola; 50 x 50 cm; 2017

Heloisa Alvim



Sem título; cerâmica; 32 x 18 cm; 2002

Hortensia Pecegueiro



Ciclo da terra; nanquim e sementes coladas s/ papel Canson; 50 x 64,5 cm; 2022

Ilda Fuchshuber Falacio



Recycle, terra Brasília; litogravura e lápis de cor s/ papel Canson; 38 x 50 cm; 1972/2022

Fui a Brasília em 1972 através do cerrado e fiquei impressionada tanto com a majestade da terra calcinada pelo sol, como pela cidade erguida toda em branco reluzente naquele cenário de terra vermelha e céu com escalas de nuvens até no horizonte. Essa foi a impressão da lito que sobreviveu desde lá, com algumas intervenções de manchas do tempo, que trabalhei agora com lápis de cor. Apresento a reciclagem dessa gravura desejando que Brasília se reciclasse. Recomeçasse do zero.

Iraceia de Oliveira



Pedra da Roseta; pedaço de prancha pluma reutilizado como suporte com colagem de rolinhos de papelão pintados em acrílica; 46 x 33 cm; 2022

Isabela Bentes



No fundo da garrafa; fotografia impressão fine art; tiragem única; 40 x 30 cm; 2022

Isabella Marinho



Quem mandou matar Marielle?; pano de chão s/ papelão; 55 x 55 cm; 2020

Isis Braga



O barco encantado; assemblage (semente, musgo e pena de pássaro); 15 x 12 x 10 cm; 2022

Jarbas Paullous



Pietá do planeta; fotografia, impressão fine art; tiragem única; 31 x 29 cm; 2022

Joel Gama



Reação geométrica; imprimissão; tiragem única; 63 x 94 cm; 2021

Jorge Cerqueira



Aconchego; guache s/papel; 61 x 62 cm (imagem), 77 x 77 cm (Moldura); 2020

Katia Politzer



Beat Sense; Vidro artesanal - técnica Casting - garrafa de cerveja reciclada; 25 x 15 x 10 cm; 2022

Lando Faria



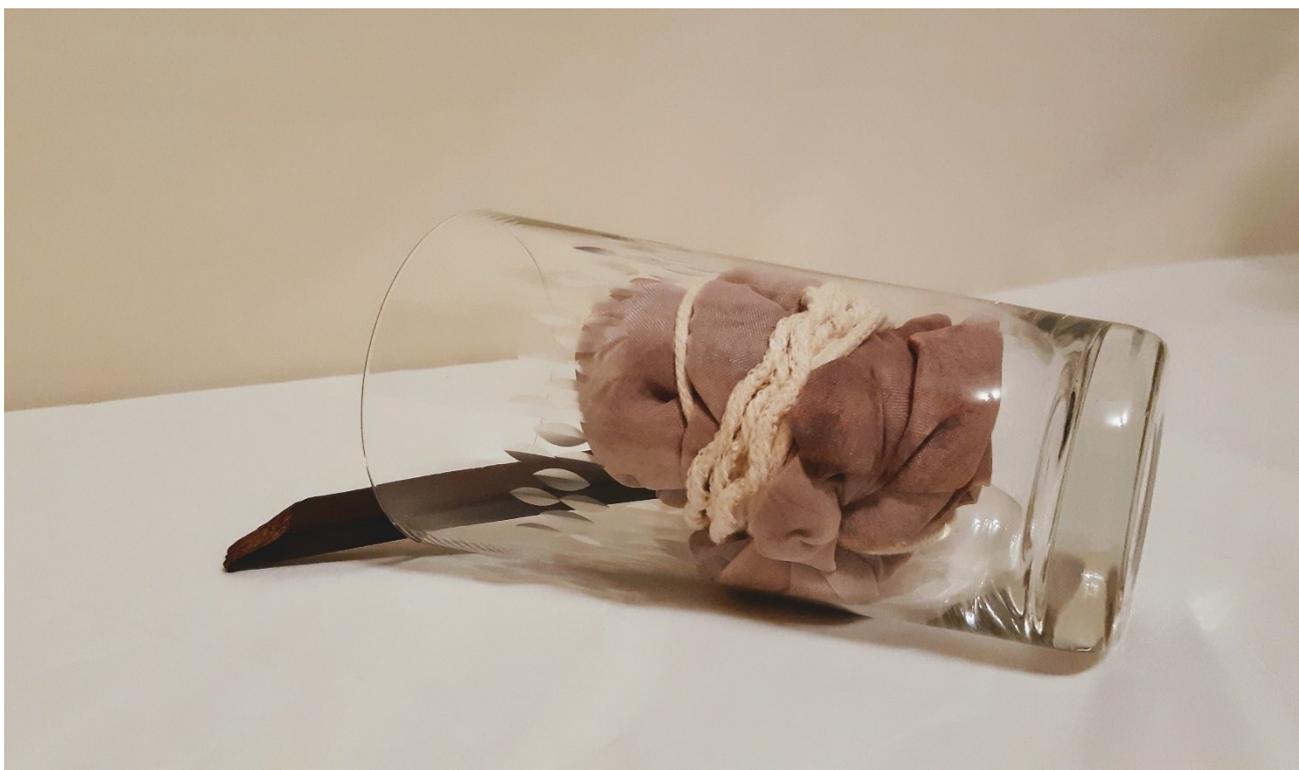
Sem título; fotografia, impressão fine art; tiragem 5; 60 x 50 cm; 2022

Lea Soibelman



Graphotáctil/ Tudo junto e misturado; gravura em metal/ papel reciclado feito pela artista/lápis de cor/ acrílica; 110 x 80 x 4 cm; 2018
Exposto no Centro Cultural dos Correios, Rio; RJ.

Leila Bokel



Pedaços da minha vida; técnica mista (cristal, madeira, acrílica, tecido e fio de algodão); 19 x 8 x 8 cm; 2020

Lenn Cavalcanti



Sem título; acrílica s/ tela, canudo e sisal; 40 x 40 cm; 2022

Let Cotrim



A praia da boneca sem cabeça; fotografia digital, impressão fine art papel Hahnemühle Photorag Baryta 315g (acabamento brilhante); tiragem 20; 28 x 16 cm; 2019

Leticia Kling



A brincadeira; técnica mista; 70 x 50 cm; 2020

Leticia Potengy



Sem título; técnica mista, colagem de reciclados de aquarela e nanquim; 60 x 21 cm; 2022

Lia do Rio



Folhas mortas??; objeto: meu espelho doméstico, bastidores e esqueletos de folhas; peça única; 60 cm diâmetro; 2022

Liana González



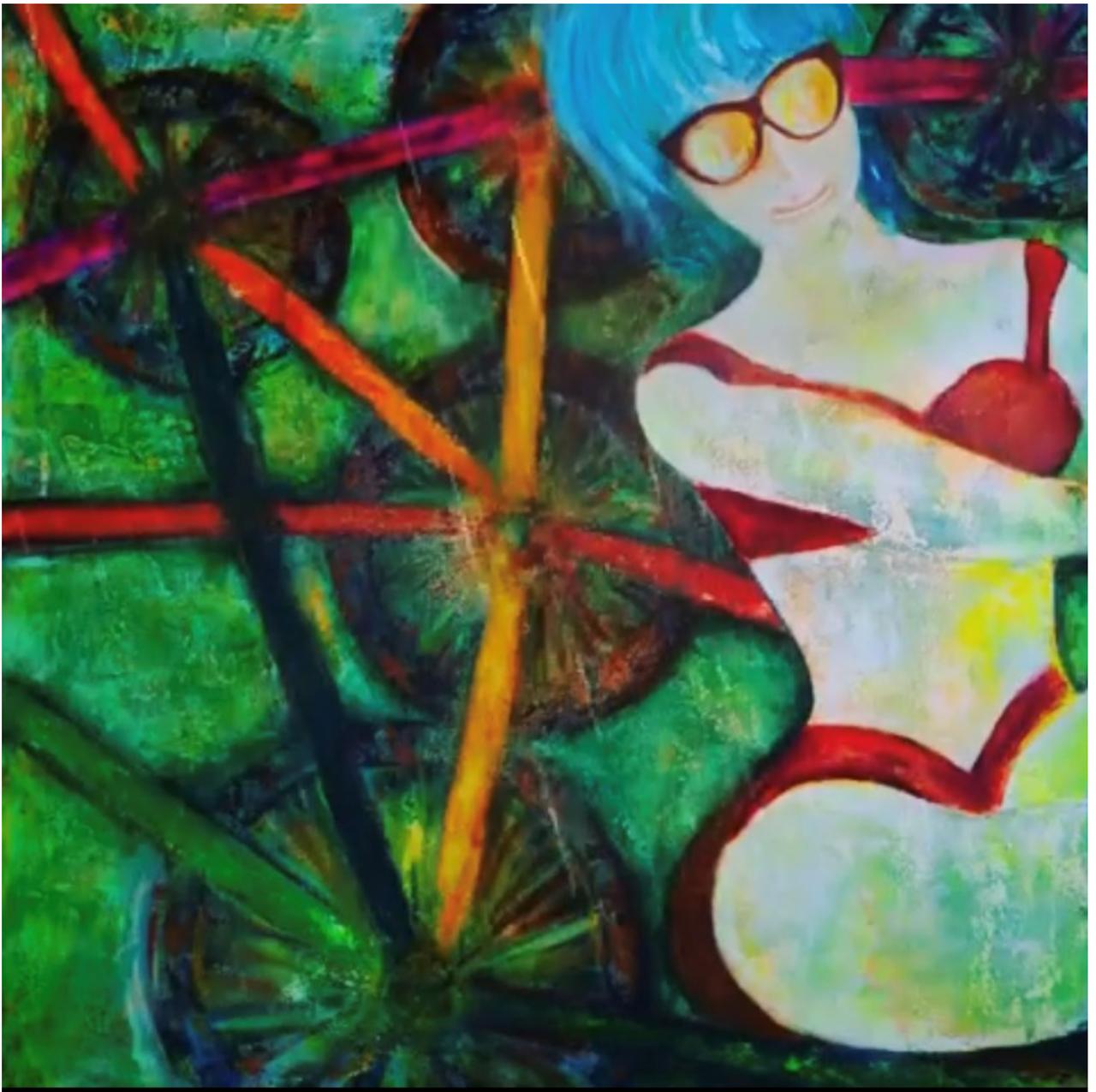
Embrões; técnica mista, (com papéis descartados); 57 x 57 x 10 cm; 2022

Lu Guedes



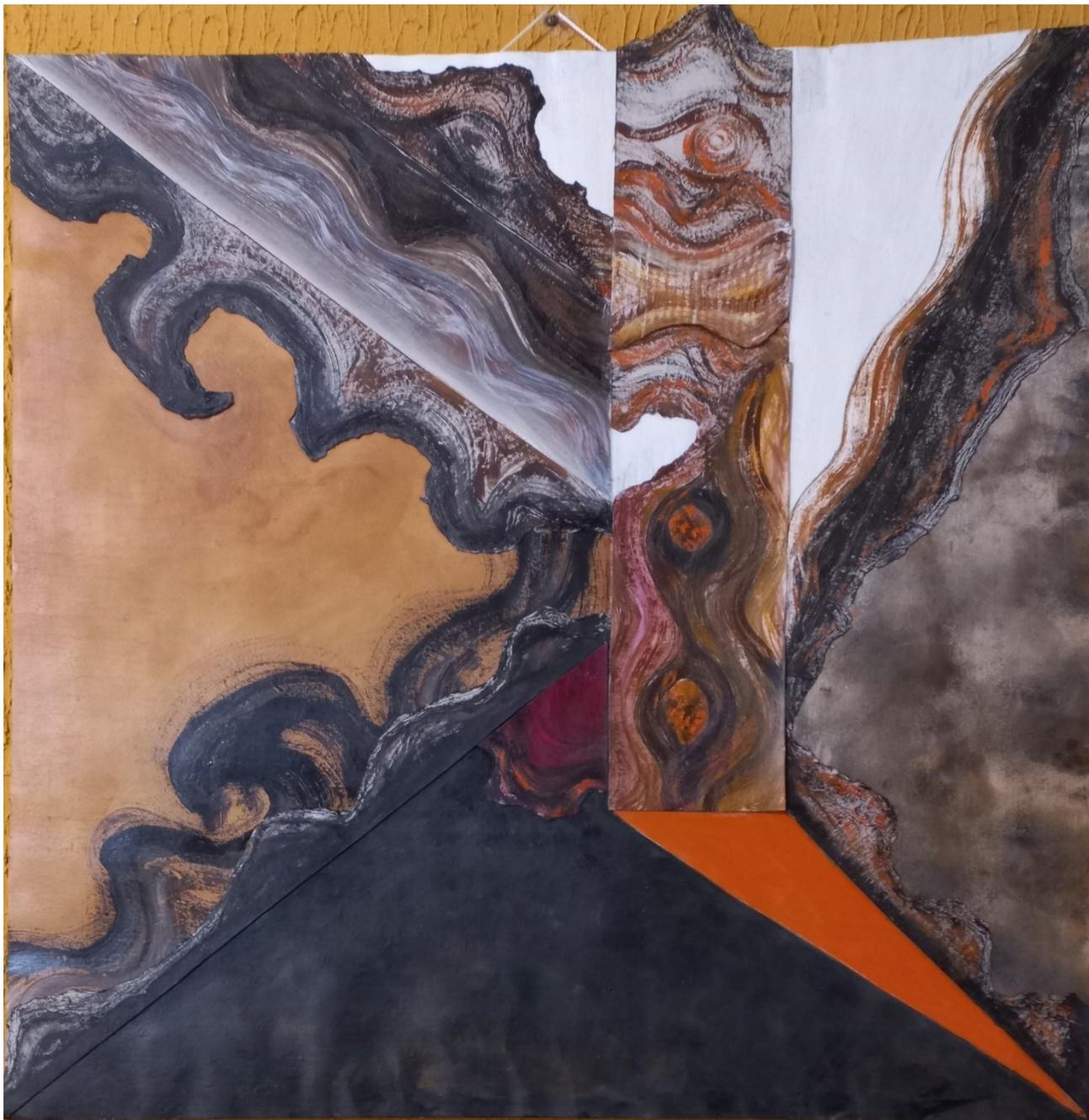
Re-significando; acrílica s/ plástico reaproveitado; 260 x 140 cm; 2018

Luah Jassi



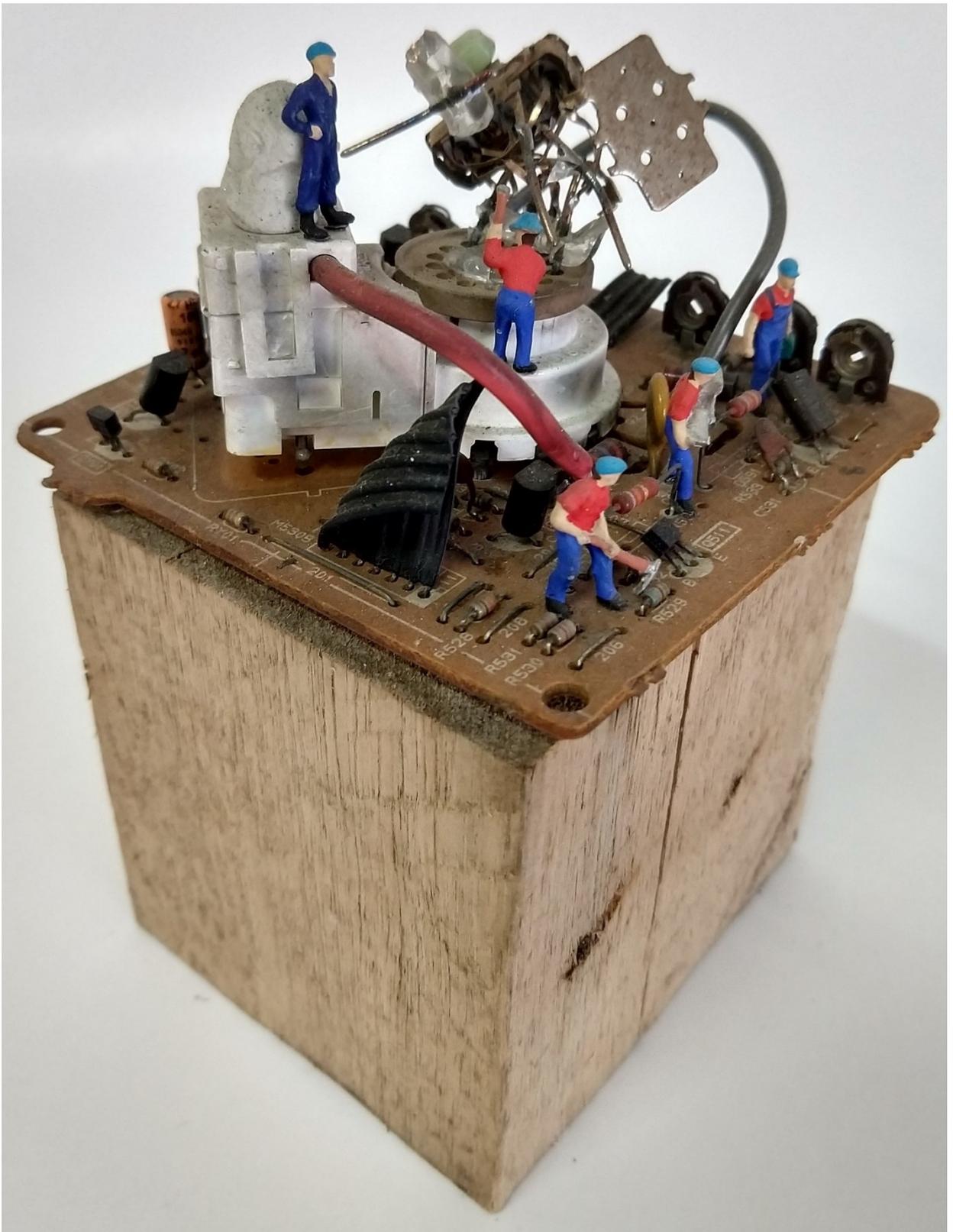
Pedal; técnica mista; 100 x 100 cm; 2019

Lucia Lyra



Convergências; acrílica s/papelão reciclado; 80 x 80 cm; 2016

Lucio Volpini



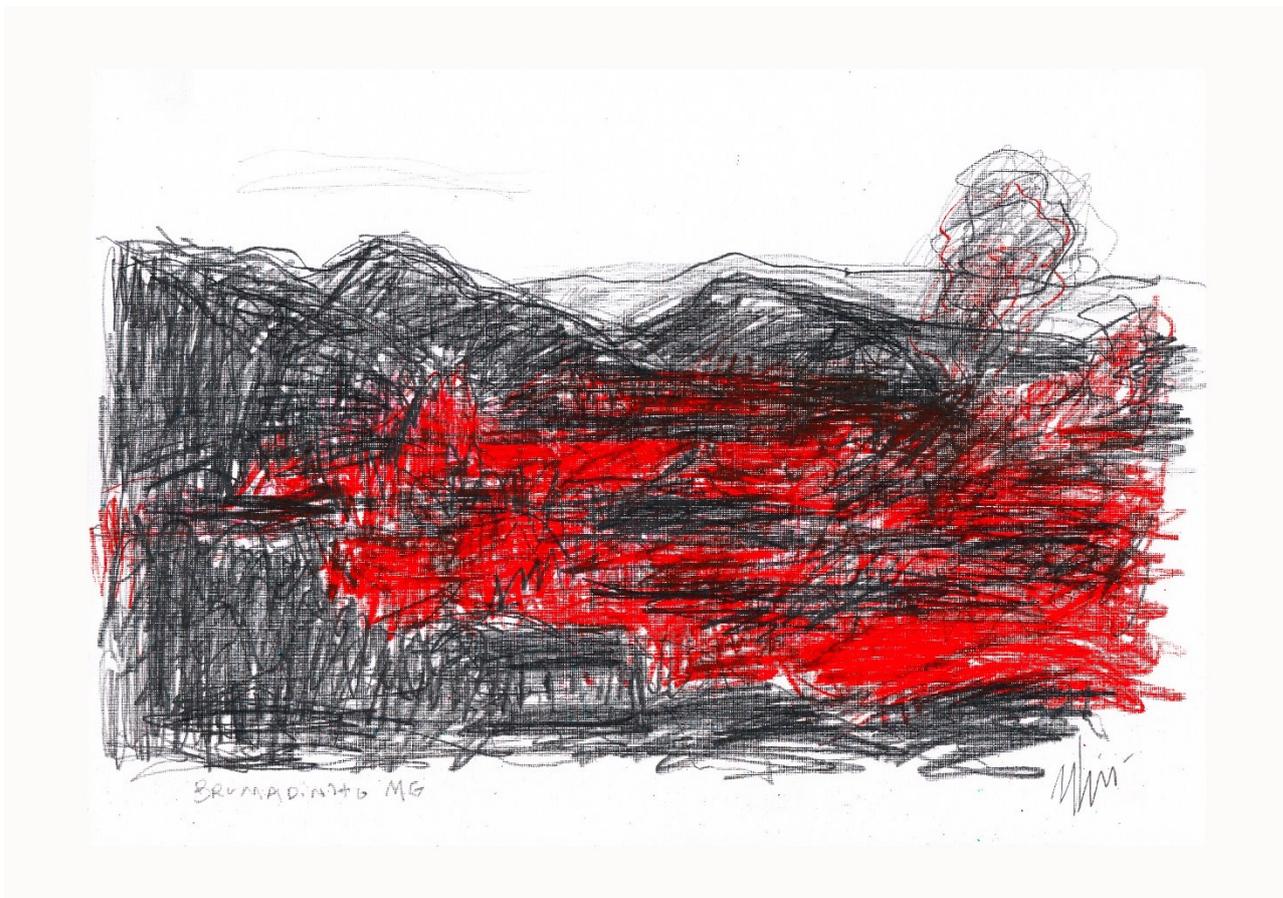
Homens trabalhando; objeto: miniaturas de chumbo, acrílica, chapa de eletrônico e calço de madeira; 15 x 08 x 07 cm; 2022

Luiz Norões



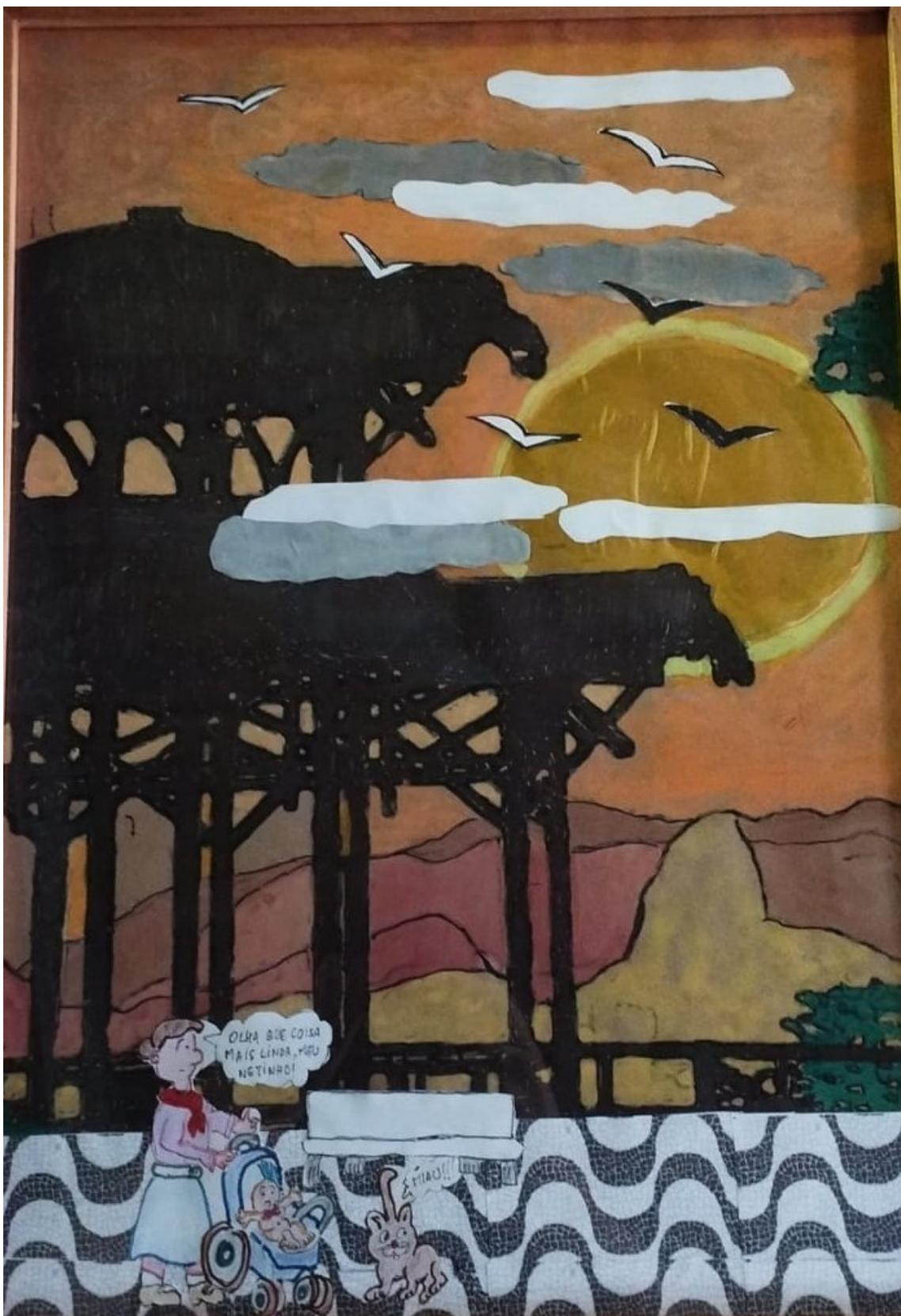
Floresta; acrílica s/ tela; 90 x 100 cm; 1989

Marcelo Guimarães Lima



Paisagem com lama tóxica não-reciclável (Brumadinho MG); lápis s/ papel; 21 x 29 cm, 2022

Marcelo Veiga



Vista China: Um oásis no caos urbano. Privilégio de todos os cariocas; arte digital e guache s/ papel Kraft; 30 x 42 cm; 2022

Marcia Bianchi



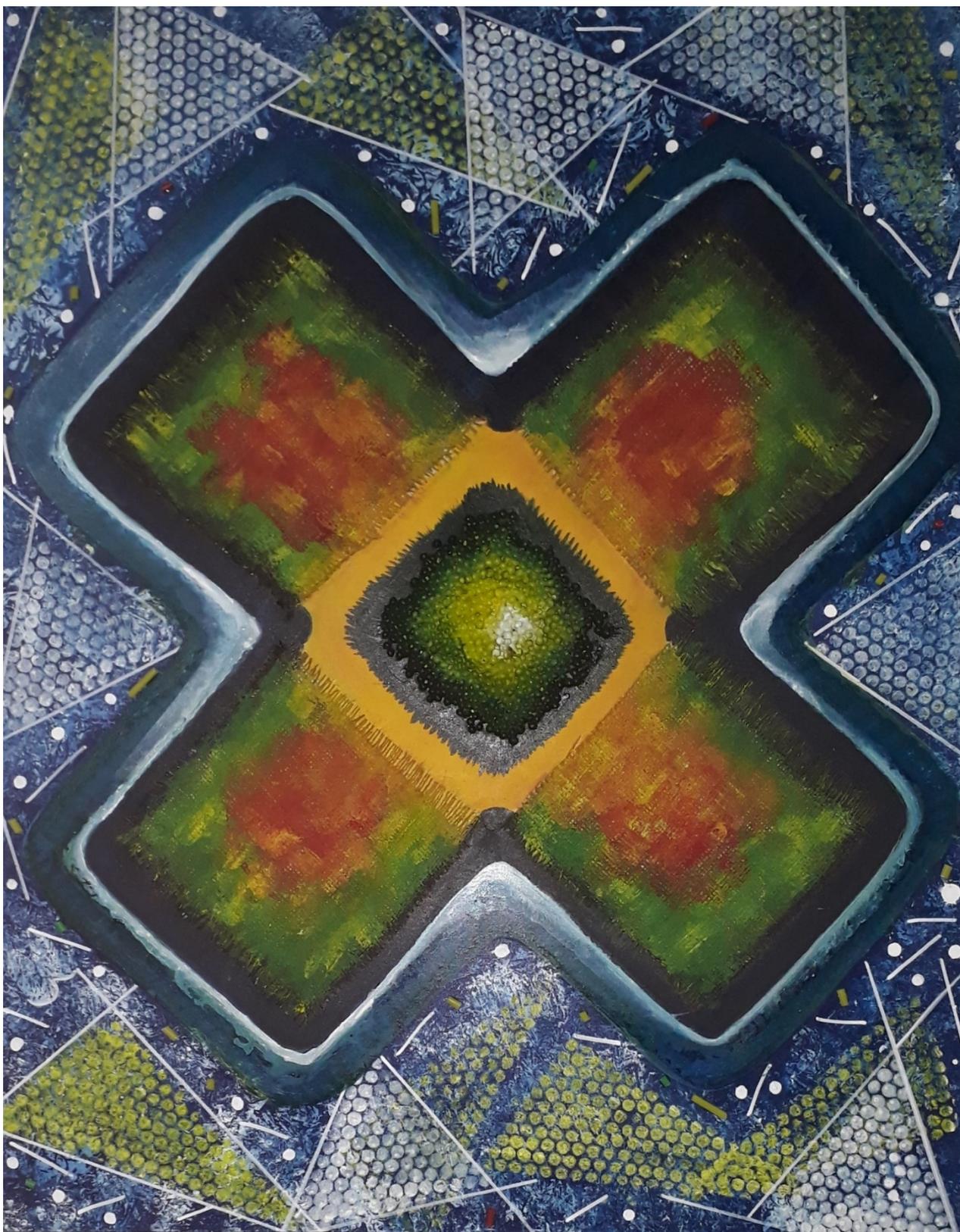
Espuma; técnica mista s/ tela; 80 x 141 cm; 2021

Marcia Cavalcanti



Casal; acrílica s/ tela; 35 x 27 cm; 2019

Maria Beatriz Trevisan



Recicle suas ideias; acrílica s/tela, soja, juta, plásticos e caneta posca; 95 x 75 cm; 1999/2022

Maria Cecilia Leão



Esponthâneas; isogravura (desenho autoral feito pela artista em isopor (bandeja de alimentos) para ser utilizado como gravura em papel Canson g/m² com tinta tempera guache); 29,7 x 42 cm; tiragem 5; 2022

Maria Eugênia Baptista



Levo nessa bagagem a memória do meu contato com a terra; objeto interativo (mala de acrílico contendo: meu autorretrato em escultura de cerâmica com um toco de árvore do pantanal; 4 pinturas com argila e água de nascente s/ tela; 2 caixas de acrílico com fragmentos da natureza e cúpula de vidro com registros do cotidiano); 45 x 38 x 18 cm; 2022

Maria Stefanon



Pássaro estéril; acrílica aquarelada s/ luminária plafon; 29 x 29 cm; 2022

Buscando encontrar novas formas de trabalhar em materiais diferenciados, tenho procurado explorar madeiras, luminárias usadas e outras possibilidades. Pássaros e ninhos têm sido uma constante em meu trabalho. Representam a fragilidade a que todos estamos expostos nesse mundo de meu Deus.

Mariana Nobre



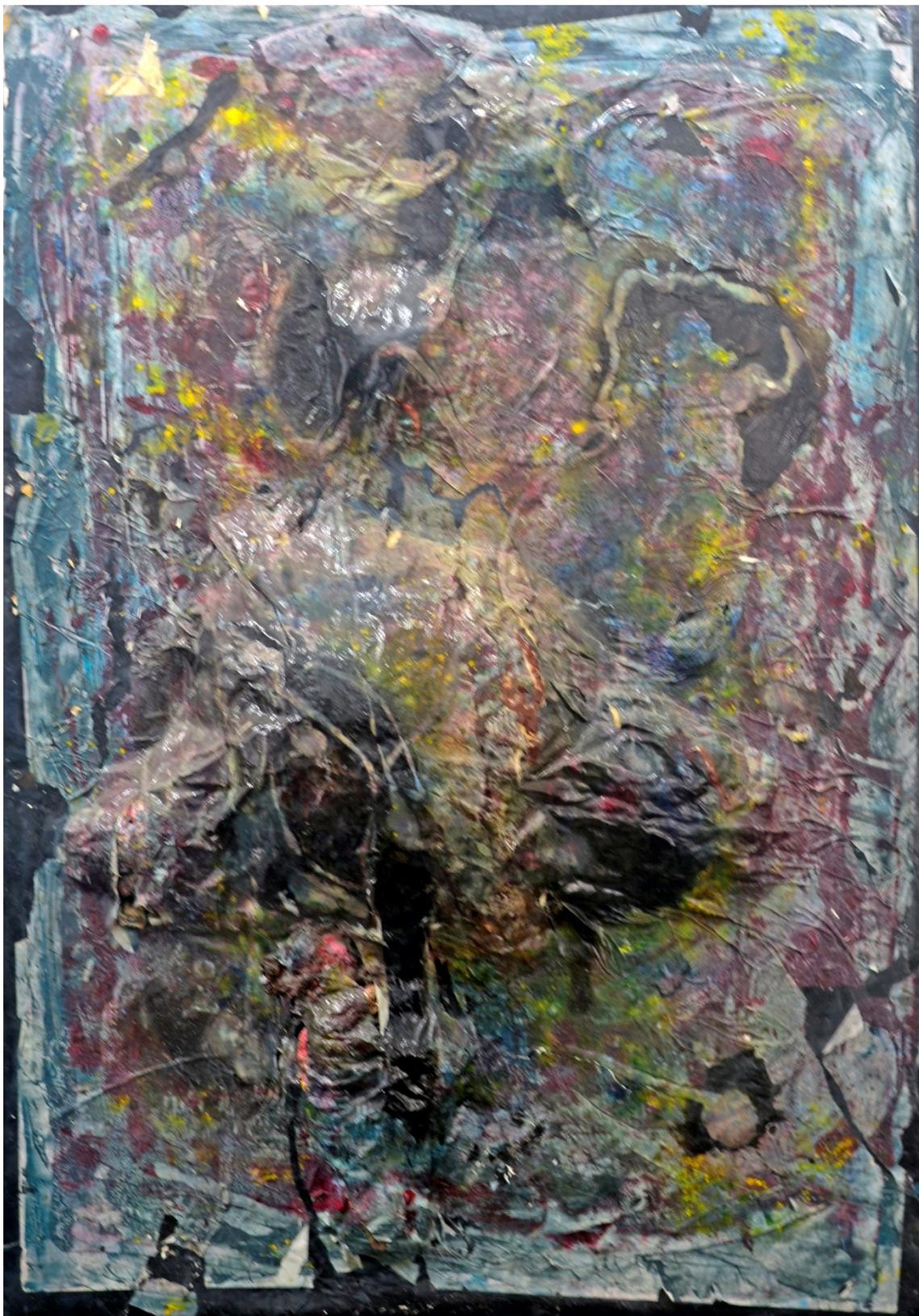
A Mandala planetária; colagem em acrílico; 40 x 60 cm; 2022

Marisa Vescovini



IN – VERSO; técnica mista - colagem e cerâmica, acrílica s/ Eucatex; 49 x 49 cm; 2018

MarQo Rocha



Todas as coisas engravidam; acrílica e materiais diversos s/ tela; 90 x 60 cm; 2019

Marta Bonimond



Os três erres; técnica mista (ventilador de teto, acrílica, pincel); 110 cm de diâmetro; 2022

Martha Pires Ferreira



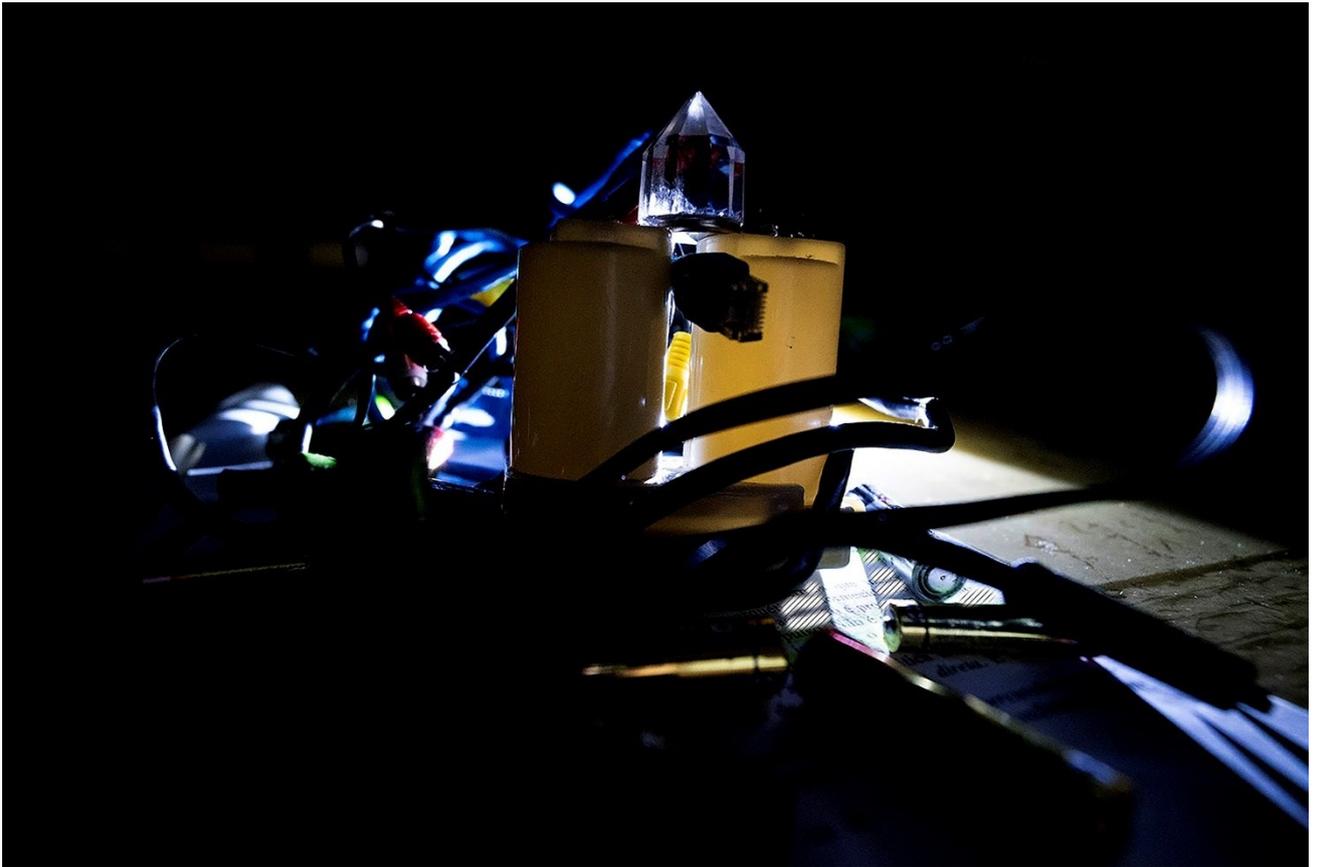
Chocolate - resíduo do cotidiano; objeto: madeira com 1 prego e colagem de embalagem de chocolate; 22,5 x 12,5 x 9,5 cm; 2022

Maurício Theo



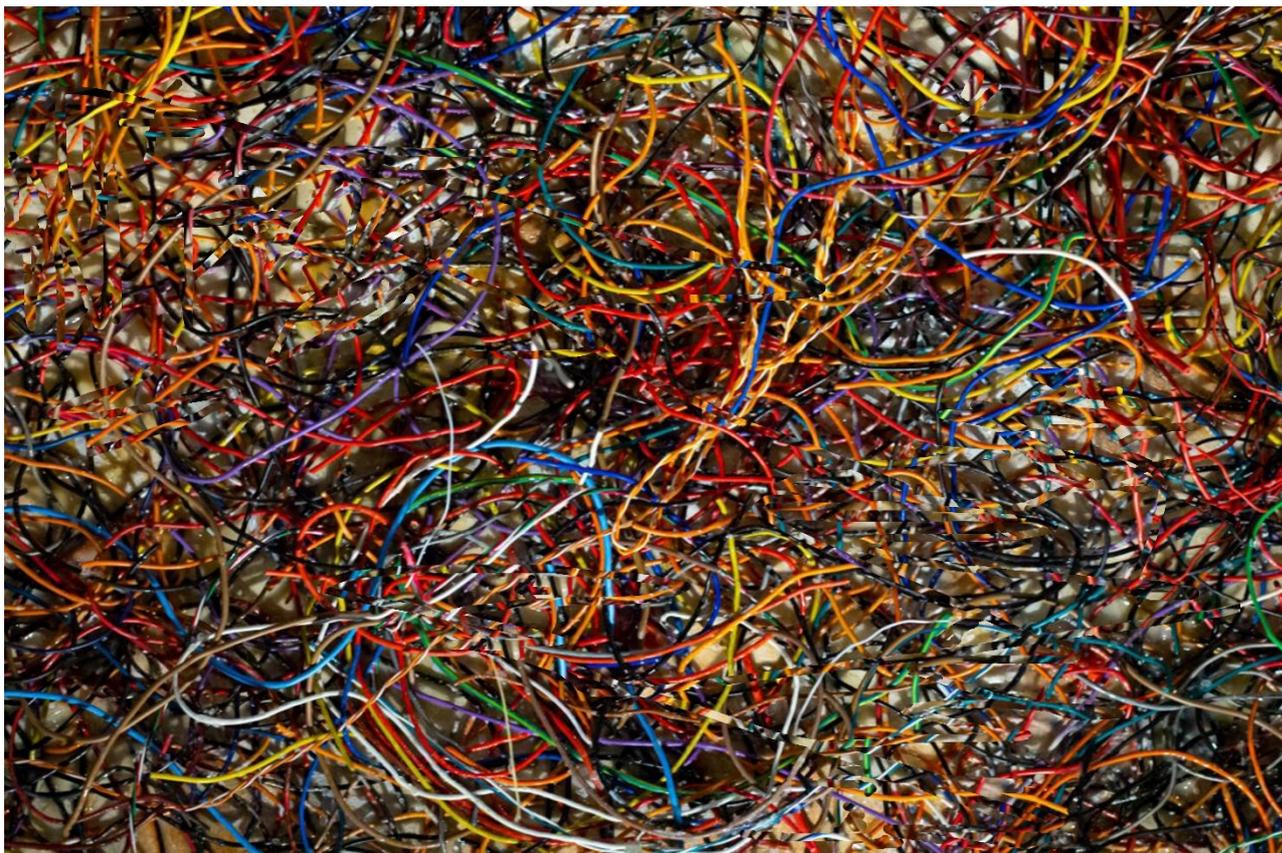
Série Sobre a Paleta; fotografia digital sobre cartão; 30 x 40 cm (sem moldura);
tiragem 5; 2022

Miguel Hijjar



Natureza Morta; fotografia digital, impressão fine art em papel algodão c/ tinta ecológica inkjet de pigmento natural em base de água; tiragem 10; 40 x 60 cm; 2022

Miro PS



TP2019; gravura digital a partir de obra em técnica mista (lona e fios), 50 x 70 cm; tiragem 5; 2019

Moema Branquinho



IKTOMI (Deus da mitologia do povo Lakota) – inspirada no filtro dos sonhos - círculo, transparência, opacidade; vidro derretido, granito, mármore, pastilha de vidro italiana (Bisazza), areia, metal (corrente de bicicleta e parte protetora da hélice do ventilador), tela metálica, fio de cobre, silicone, resina de poliéster, cacos de Blindex e fragmento de taça de vinho; 59 cm diâmetro x 7 cm profundidade; 2018

Morgana Souto Maior



MEDRAR - O mato brotou sozinho; reuso, acrílica e linhas s/ concreto; dimensões variadas; 2022

Nancy Lacerda



Raíz do Pantanal; escultura em madeira (raíz retirada do fundo do Rio Paraguai (Pantanal) e tratada com cera e outros materiais); 80 x 77 x 73 cm; 2004

Medalha de bronze no "Salão 96 anos da Associação Brasileira de Imprensa", 2004.

Nilton Pinho



Sem título; assemblage e pintura s/ Eucatex; 51 x 41 cm; 2022

Nissin Moussatche



Activation Required; técnica mista; 30 x 40 cm; 2021

Noemi Ribeiro



Recicle seus sonhos; digital composite a partir de fotografias de Noemi Ribeiro (Retratos de Maria Claudia Diniz, e do guitarrista da *Banda Rock 60*, Guilherme Edel, tiradas no *Bar da Artes*, no dia 12/04/2022); impressão fine arts, papel Canson 100% algodão; 40 x 35 cm; tiragem 5; 2022

O neurocientista Sidarta Ribeiro nos diz: "Recicle seus sonhos" - Como cientista, ele avisa que a sociedade humana necessita ressignificar seus valores para poder salvar a espécie humana ameaçada pelos excessos do mundo mecanizado e robotizado. Como sonhador e humanista ele afirma que a compressão e descompressão do tempo onírico pode nos fazer avaliar que fazemos na vida alerta. Sonhar introduz na experiência real a certeza de que podemos atravessar o abismo do medo do mundo acabar. A vigília após o sonho nos leva a "esperançar " um mundo melhor.
youtube: CICLO DOS SONHOS- DESENHO SONHO - Sidarta Ribeiro e Ailton Krenak

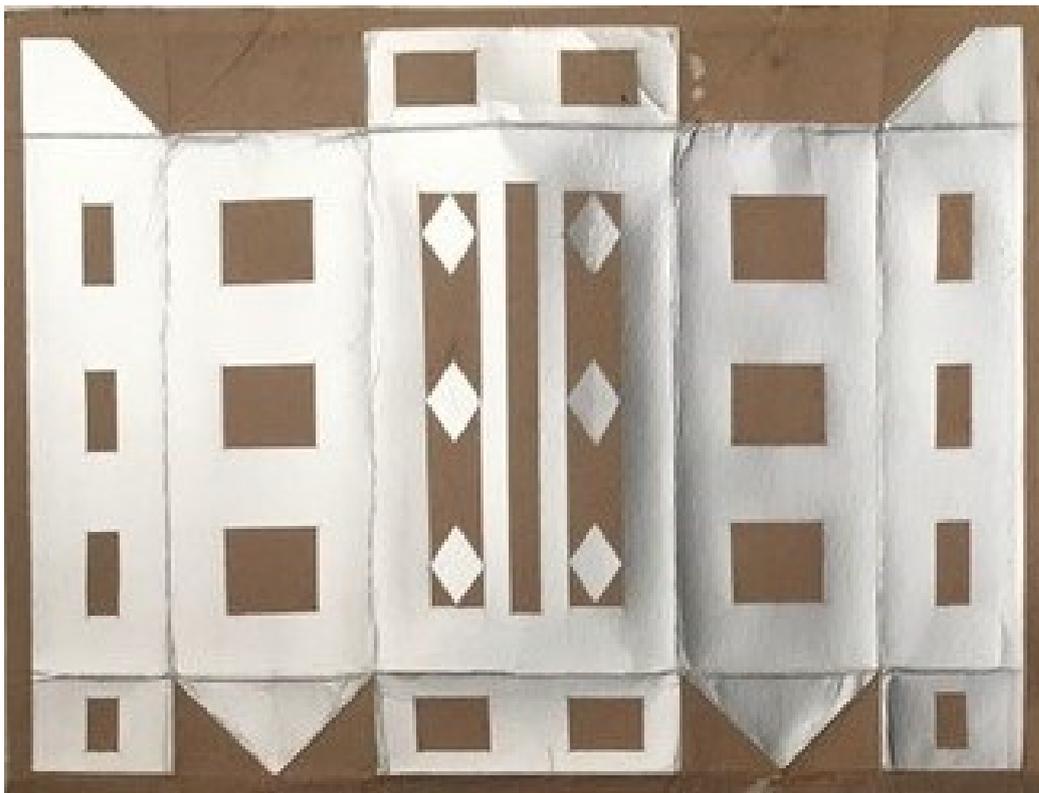
Patricia Torelly



Reciclar; técnica mista: terra, café, cartaz da exposição do SESC, Catálogo de concerto Sala Cecília Meirelles, jornal; 70 cm diâmetro; 2022

"Criar em uma tela circular é germinar uma célula. Reproduzir, transformar. O tema Reciclagem para mim tem uma nuance, algo similar à projetos já desenvolvidos na minha trajetória. Isso me levou ao final dos anos 70 quando trabalhei na implantação da Oficina de Criatividade, Galeria de Arte, Escola Aberta da Terceira Idade, Teatro de Bonecos e Contadores de Estórias atividades pioneiras no SESC. Foram inúmeros desafios e fizemos história. Para esse trabalho usei material da exposição "Notícias do Brasil" em exibição no SESC com obras de Caribe, Cícero Dias e Glauco Rodrigues; catálogo de concerto da Sala Cecília Meirelles, jornal, terra, areia, pó de café. Reciclar é preciso. Um novo ciclo se faz. Estamos num processo de renovação em todos sentidos. Por isso ao centro coloquei: "Notícias do Brasil-Povo Herói". Esse meu DNA político não me permite cessar a luta. É uma homenagem à memória do meu pai e ao Aparício (Barão de Itararé)."

Paulo Marendino



Arquitetura da caixa (díptico); corte e descolagem s/ embalagem longa vida;
24,5 x 31 cm (cada); 2014

Paulo Mittelman



Adereços do Medo - 3 (Props of Fear - 3), série Adereços do Medo;
fotografia trabalhada digitalmente e impressão fine art, tinta mineral; 30 x 40
cm; tiragem 10; 2007

Regina Helene



Mutaçao; técnica mista; 140 x 150 x 50 cm; 2020

Regina Moura



Alquimia; fotografia digital impressão fine art s/ canva a partir de objeto em materiais descartados / plástico (cobertura mesa de pintura), lixo têxtil (de 94 x 84 cm); tiragem 3; 100 x 90 cm; 2018

sou feito de sobras, resíduos, memórias e sonhos
atravessado pela arte em busca de outros sentidos e estéticas
de um diálogo poético com o meio ambiente
reciclar
reinventar um novo destino e conexões
e aqui...com lixo tecer um manto, criar uma obra

Roberta Salgado



Construção; texto à mão, utilizando tinta para cimento s/ placa de concreto, obtida em demolição; 70 x 36 cm; tiragem 10; 1967

Poema em Objeto que integra a obra Tropicália, de Hélio Oiticica.

Roberto Negri



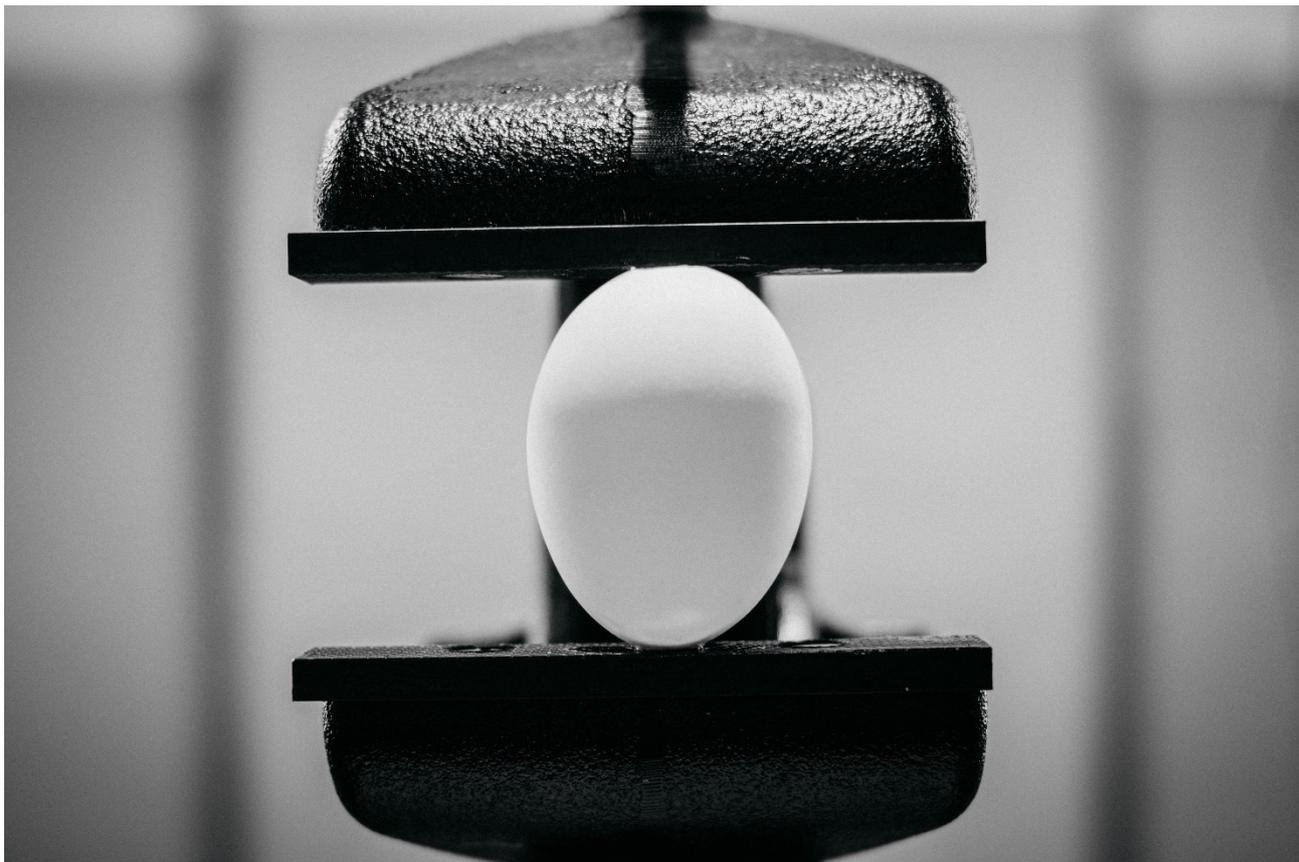
Recriar; arte digital, impressão fine Art 210g; tiragem 5; 60 x 49 cm; 2022

Ronald Duarte



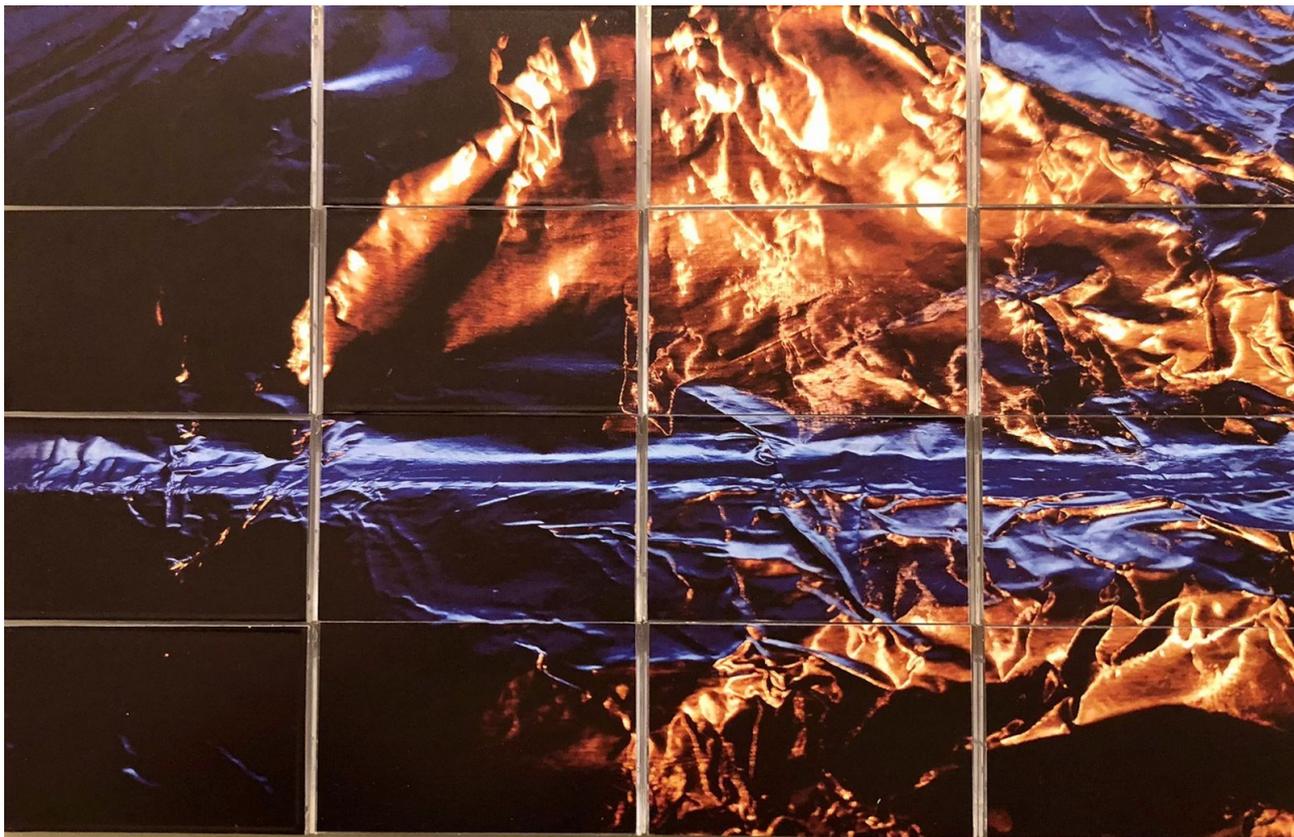
Filíferos; técnica mista; dimensões diversas; fotografia Wilton Montenegro; 1999

Rosângela Soares Pinto



Mão de ferro; fotografia em papel Hahnemuhle 315 gr; impressão única; 30 x 40 cm; fotografia de Carolina Soares Pinto; 2022

Rose Aguiar



Paisagem reciclada; fotografia de material reciclado adesivadas em pequenas caixinhas acrílicas de fitas cassete, impressão fine art; tiragem única; 44 x 28 cm; 2022

Rose Nobre



A Vida é Reciclagem; acrílica s/tela (Dois pedaços de pano unidos por costura);
100 x 32 cm; 2015/2022

O que é a vida senão uma reciclagem?

Reciclagem é uma mudança de estado.

Mudança de emoções, sentimentos, razão....

Sandra Macedo



Já fui quadro... agora sou escultura; acrílica s/ papel Canson, rasgado e enrolado; 40 x 21 x 14 cm; 2006

Sandra Schechtman



Testemunho do local da ação; instalação de parede; 35 x 20 x 9 cm; 2004/2022

Silvana Godoi Camara



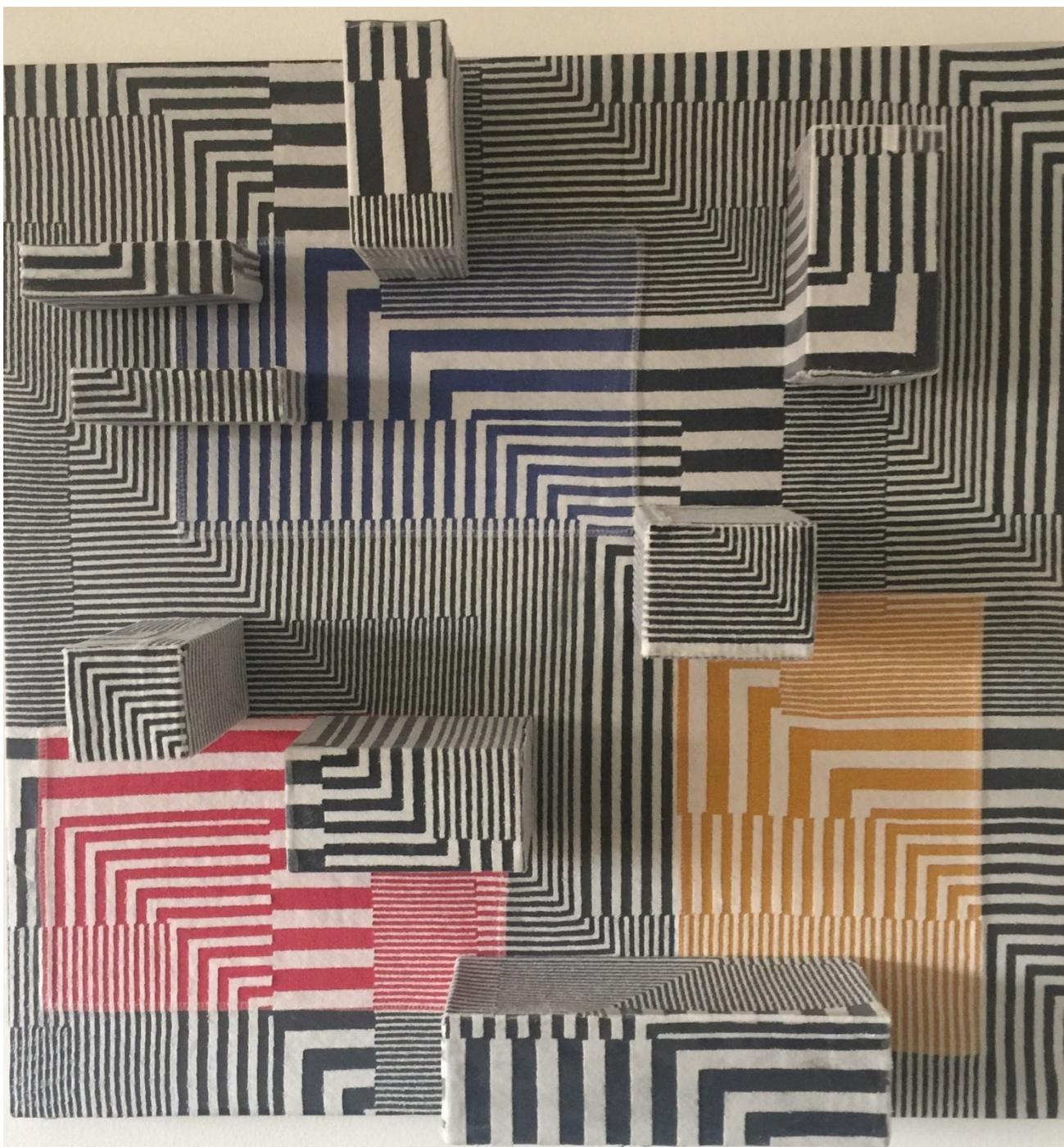
Reciclando com Monet; técnica mista s/ lona acetinada; 180 x 100 cm; 2022

Silvio Moreia



E DAI? RECICLA-TE! (díptico); fotografia mista digital e montagem, impressão fine art, acabamento s/ PVC; 80 x 42 cm cada; tiragem 5; 2021

Sissi Kleuser



Do topo; técnica mista s/ tela; 60 x 60 x 14 cm; 2021

Sonia Camacho



Descarte em Arte (Criação, transformação, integração e inclusão); instalação com peças de vidro recicladas, fusing; dimensões diversas; 2022

Sonia Xavier



Dimensão!; objeto: tecido reciclado, aço inox, placas de alumínio; 130 x 35 cm; 2022

Sylvia Serra Barreto



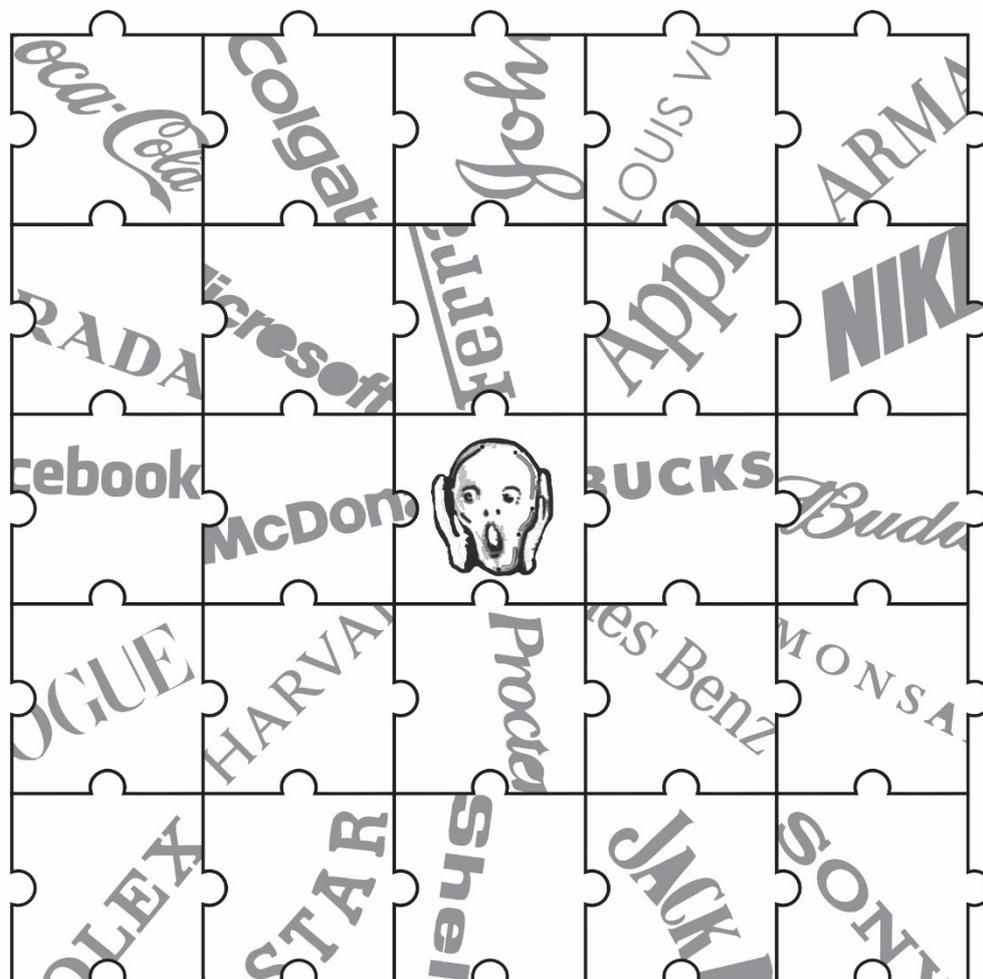
Do Barro viemos para barro retornaremos; escultura (barro, papel e madeira);
30 x 27 cm; 2020

Tatiana Dauster



MOVE; sementes, cascas e fio de cobre; dimensões variáveis; 2022

Tchello d'Barros



Poema visual em P&B; desenho manual / Infogravura, plotagem s/ papel Canson 120 g; tiragem 10; 90 x 90 cm (mancha gráfica 75 x 75 cm) (pode ser impresso em outras medidas em suportes diversos como película adesivada sobre PVC, acrílico, lona vinil e fine art; 2015

Telma Gadelha



Produto Interno Bruto; óleo s/ tela; 92 x 135 cm; 2016

Teresa Coelho



Mi casa; colagem s/ objeto de cerâmica; 24 x 34 cm; 2021

Teresinha Mazzei



Sinal de fumaça; assemblagem (eucatex usado, textura, folheação prata, ouro, cobre, material orgânico de madeira, alumínio que envolve comprimidos, pedúnculo da mangueira); 40 x 30 cm; 2022

Téssara



Ecos; aço reaproveitado, tesselas de madeira, carvão vegetal, areia e resina;
27 x 13 x 8,5 cm; 2022

Thairna Patricia Lee



Privacy - Birth right recycled; óleo s/ tela; 80 x 60 cm; 2022

VeraLu



Noa Noa (perfumada, na língua polinésia taitiano, ao duplicar o nome, o feminiza); papelão reciclado e tela; 34 x 34 cm; 2021

Verônica Camisão



O contrário de pedra; acrílica, guache, carvão e spray acrílico s/ tela colada sobre tela; 93 x 118 cm; 2022

Vicente Duque Estrada



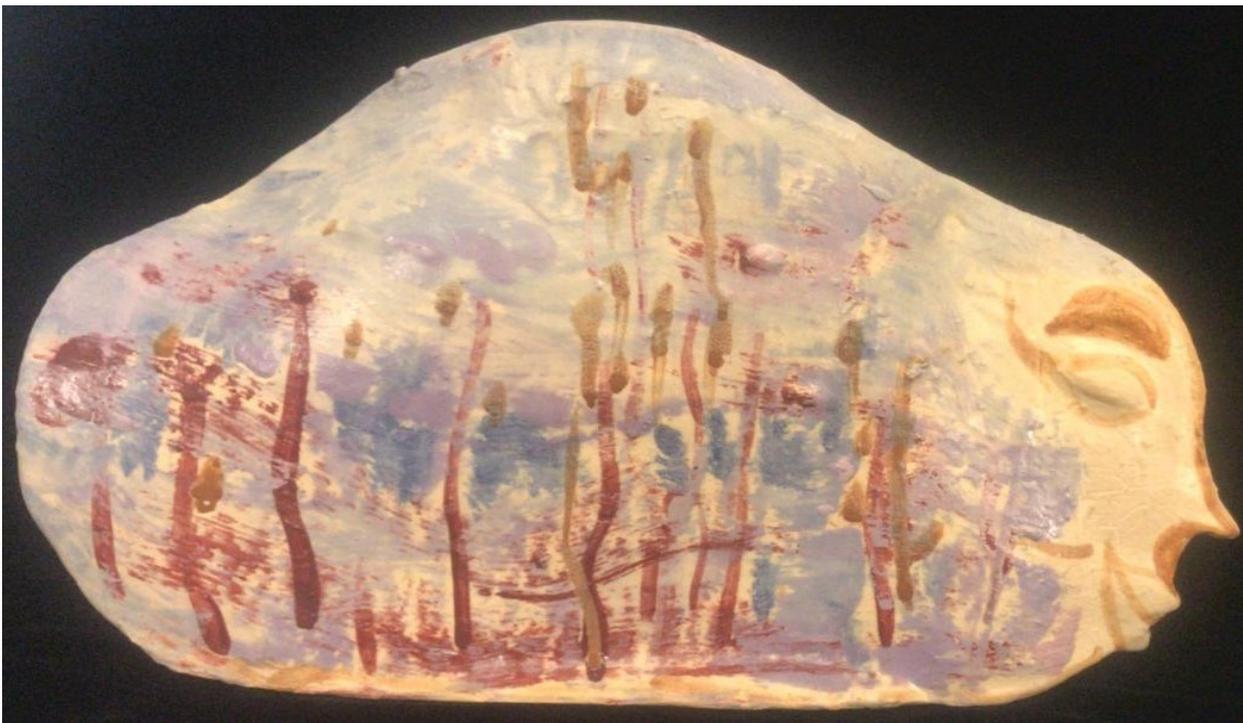
Outono-inverno; fotografia digital, impressão fine-art; 30 x 40 cm; tiragem 1/30; 2022

Vilma Lima



Em busca da vida; técnica mista: moldura, plásticos; 50 x 80 cm; 2020

Vitória Sztejnman



Série pensamento na nuvem; cerâmica esmaltada; 40 x 24 cm; 2018